

Macau 澳門



NOVAS DINÂMICAS

Governo e empresas integradas de turismo e lazer unem esforços para dar nova vida a várias zonas antigas da cidade. Resultados já se notam



DIVERSIFICAR A ECONOMIA ATRAVÉS DOS EVENTOS



DESPORTO INCLUSIVO EM EXPANSÃO

ENTREVISTA SENNA FERNANDES CONFIANTE NO FUTURO DO TURISMO





澳門特別行政區
二十五周年紀念
Celebração do
25.º Aniversário da
Região Administrativa
Especial de Macau



藝無界
Art Boundless
Arte Sem Limites

焦點

FOCO

點

18-19世紀中西方
視覺藝術的調適

INTEGRAÇÃO ARTÍSTICA ENTRE
A CHINA E O OCIDENTE NOS
SÉCULOS XVIII-XIX

2024.5.11-9.15

MUSEU DE ARTE DE MACAU

Avenida Xian Xing Hai, Macau

10h00 – 19h00 (última admissão às 18h30). Encerra às Segundas-feiras,
aberto nos dias feriados. Entrada livre.

Tel : (853) 8791 9814

Fax : (853) 2875 1317

Website : www.MAM.gov.mo

E-mail : MAM@icm.gov.mo



廣東省 | PATROCÍNIOS | PATRONAGES

广东省文化和旅游厅
The Department of Culture and Tourism of Guangdong Province



澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da Região Administrativa Especial de Macau

主辦 | ORGANIZADORES | ORGANISERS

澳門藝術博物館
MUSEU DE ARTE DE MACAU

廣東省博物館
GUANGDONG MUSEUM

藝博館
MAM

支持 | APOIO | SUPPORTER

HKMOA
Hong Kong Museum of Art, 香港藝術館

Macau 澳門

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.ºs 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA

Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITORES EXECUTIVOS

Ana Costa Macedo, Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



ZONAS ANTIGAS COM NOVA VIDA ◀ 20

Barra, Rua da Felicidade ou Avenida de Almeida Ribeiro: estas são algumas das áreas que estão a ser alvo de um processo de revitalização urbana, numa iniciativa inédita que une o Governo e as empresas integradas de turismo e lazer do território



MICE, CULTURA E DESPORTO, PILAR PARA DIVERSIFICAÇÃO ◀ 8

O Governo quer elevar o impacto económico do sector MICE, assim como dos eventos desportivos e culturais, usando-os também para promover a cidade como destino turístico



VISTOS DE MÚLTIPLAS ENTRADAS, OPORTUNIDADES MÚLTIPLAS ◀ 40

Novos vistos de grupo de múltiplas entradas Hengqin-Macau podem promover aprofundamento da integração regional a nível turístico, dizem especialistas



ENTREVISTA

“EM 2025, O NOSSO ALVO SERÁ 3 MILHÕES DE TURISTAS INTERNACIONAIS” ◀50

A recuperação pós-pandemia do sector turístico continua em passo acelerado, diz a responsável máxima da Direcção dos Serviços de Turismo. Maria Helena de Senna Fernandes prevê que Macau receba 33 milhões de visitantes já este ano

OUTROS TEMAS

30 ▶ CAFÉ CHIP SENG E A PROMOÇÃO DE SABORES ÚNICOS

36 ▶ VEGETARIAN FARM LANÇA LOJAS DE LEMBRANÇAS VEGETARIANAS



56 ▶ PORTUGAL QUER USAR FÓRUM DE MACAU PARA COOPERAÇÃO TRIANGULAR



60 ▶ GRUTA DE CAMÕES: UM PRIMEIRO LOCAL DE EVOCAÇÃO AO POETA



Cinco anos a contar Macau às crianças ◀66

Editora de livros infantis Mandarin fala em aposta ganha no multilinguismo



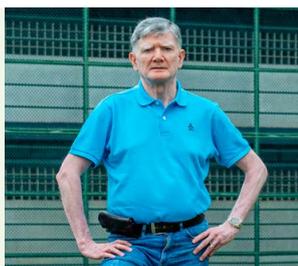
Desporto inclusivo soma praticantes ◀70

Maior apoio social beneficia prática desportiva por pessoas com deficiência

+MACAU

+ 78

A memória sem saudosismos de Francisco Manhão



+ 83

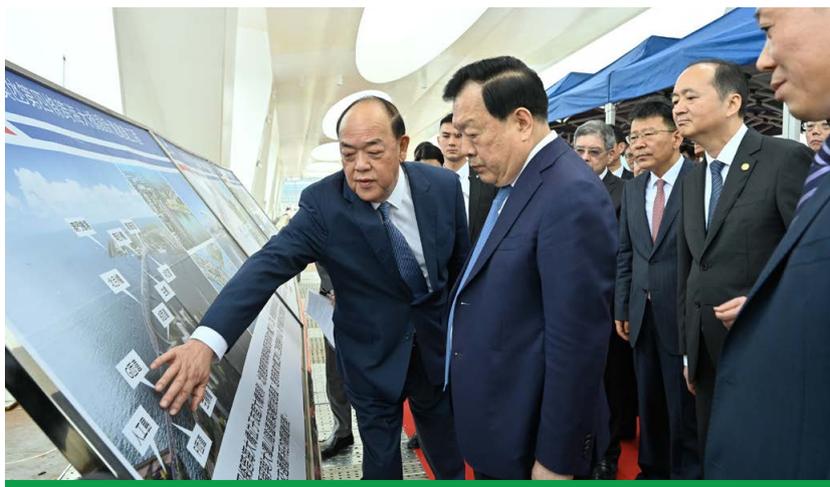
Cozinha macaense tem base para a inovação, diz André Lai



+ 86

Roteiro





Director Xia Baolong durante visita ao estaleiro das obras da quarta ponte marítima Macau-Taipa, acompanhado pelo Chefe do Executivo, Ho Iat Seng

Xia Baolong visita Macau para conhecer “in loco” realidade local

O director do Gabinete de Trabalho de Hong Kong e Macau do Comité Central do Partido Comunista da China e director do Gabinete dos Assuntos de Hong Kong e Macau junto do Conselho de Estado, Xia Baolong, realizou em Maio uma visita de sete dias a Macau e à Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin.

Xia Baolong cumpriu um programa intenso, com mais de 40 actividades. Tal incluiu encontros com os responsáveis principais dos órgãos executivo, legislativo e judicial do território, representantes de Macau na Assembleia Popular Nacional e na Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, dirigentes associativos e membros da comunidade em geral, entre outros.

Durante a sua visita, Xia Baolong enumerou aquelas que disse serem as seis principais vantagens competitivas de Macau: vantagens institucionais associadas ao modelo “um país, dois sistemas”; vantagens ao nível de espaço de desenvolvimento suficiente; vantagens no que toca a um ambiente de negócios altamente internacional; vantagens ligadas a bases económicas sólidas e fortes; vantagens humanísticas na mistura das culturas chinesa e ocidental; e vantagens associadas à tradição local de “amar a Pátria, amar Macau”. O responsável incentivou ainda todos no território a trabalharem em prol da promoção do “cartão de visita dourado” da cidade, de forma a Macau poder brilhar no palco internacional.

POLÍTICA

“Prémio Hotel Verde” distingue 15 unidades

Quinze unidades hoteleiras locais foram distinguidas no âmbito da edição relativa a 2023 do “Prémio Hotel Verde Macau”. Os galardões, atribuídos pela Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental (DSPA), são válidos por um período de três anos.

De acordo com uma nota da DSPA, “os hotéis premiados têm respondido constantemente às políticas ambientais” lançadas pelas autoridades locais, tendo elevado activamente o seu desempenho ambiental. Entre as medidas implementadas, contam-se o fim do fornecimento aos hóspedes de produtos de higiene pessoal descartáveis, bem como a produção de electricidade através de fontes de energias renováveis, com vista a minimizar as emissões de carbono.



AMBIENTE

Áreas marítimas ganham ferramentas de ordenamento

© DIREITOS RESERVADOS



O Governo divulgou, em Junho, o “Plano das Áreas Marítimas da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM)”, o qual define o uso, exploração e conservação das áreas marítimas sob jurisdição do território. O documento, que se articula com o “Plano Director da RAEM”, visa o desenvolvimento de uma cidade habitável, bem como a conservação dos ecossistemas locais e prevenção da poluição.

São também foco do plano o reforço da capacidade de prevenção

e minimização dos impactos decorrentes de desastres marítimos, o turismo marítimo e o desporto marítimo, entre outros aspectos relacionados com o aproveitamento e desenvolvimento da área marítima de Macau.

O plano foi elaborado com base no “Zoneamento Marítimo Funcional da RAEM”, também divulgado em Junho. Em 2015, o Governo Central colocou sob jurisdição da RAEM uma área marítima total de 85 quilómetros quadrados.

PLANEAMENTO

1446

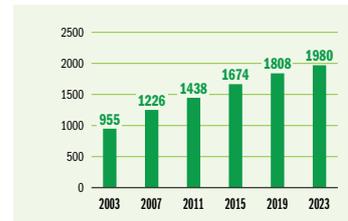
Número total de acções de sensibilização e divulgação ambiental levadas a cabo no ano passado pela Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental e pelo Instituto para os Assuntos Municipais



NÚMERO

Mais e melhor saúde

Número de médicos



FORNTE: DSAIC

São vários os indicadores que espelham a evolução positiva registada pela Região Administrativa Especial de Macau no que toca ao sector da saúde. Um desses dados prende-se com o número de médicos, que atingiu no ano passado um máximo histórico.

GRÁFICO



“Face à nova conjuntura e novas exigências, a RAEM deverá olhar mais para o exterior, através da existência de alicerces locais firmes e do apoio da Pátria”

ANDRÉ CHEONG WENG CHON
SECRETÁRIO PARA A ADMINISTRAÇÃO E JUSTIÇA

FRASE



O chamamento do dragão

O Centro Náutico da Praia Grande recebeu em Junho mais uma edição das Regatas Internacionais de Barcos-Dragão de Macau. O evento, que se prolongou por três dias, contou com a presença de equipas locais e do exterior, levando muita animação às margens do Lago Nam Van. ▲ FOTO © INSTITUTO DO DESPORTO



Celebrar Portugal em Macau

Os “laços profundos” entre Macau e Portugal voltaram a ser sublinhados pelo Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, desta feita durante a tradicional recepção comemorativa do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas na residência consular de Portugal em Macau. Este ano, o evento contou também com a presença da ministra da Justiça lusa, Rita Alarcão Júdice. ▲ FOTO © GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



O regresso prometido

Após dois anos de obras, o Mercado Vermelho retomou no final de Maio a actividade. Aquele que é um dos espaços mais icónicos da cidade tinha encerrado temporariamente em 2022, para ser submetido a uma intervenção de fundo. Tal incluiu a reconstrução dos pilares estruturais e pavimentos, bem como a introdução de diversas melhorias ao nível das instalações para os comerciantes e o público. ▲ FOTO © INSTITUTO PARA OS ASSUNTOS MUNICIPAIS

DIVERSIFICAÇÃO ECONÓMICA

A vantagem do

As convenções e exposições são uma das áreas prioritárias da acção do Governo da RAEM para diversificar o tecido económico de Macau. Mas também o comércio, a cultura e o desporto constituem uma parte importante dos objectivos a alcançar até 2028

Texto | Tony Lai

A INDÚSTRIA das convenções e exposições (MICE, na sigla em inglês) de Macau tem registado um desenvolvimento constante ao longo das últimas duas décadas, mesmo face aos desafios colocados pela pandemia da COVID-19 nos anos mais recentes. Quem o diz é Alan Ho Hoi Meng, presidente da Associação dos Sectores de Convenções, Exposições e Turismo de Macau. Nos últimos tempos, segundo o mesmo responsável, a indústria local tem apostado no desenvolvimento do conceito “mega MICE” para promover

Macau como um destino preferencial para promotores de eventos.

“O sector MICE não se limita apenas a convenções e exposições, pois festivais, actividades desportivas e espectáculos também podem ser categorizados como eventos”, afirma Alan Ho à Revista Macau. “Isso é o que o ecossistema ‘mega MICE’ implica.”

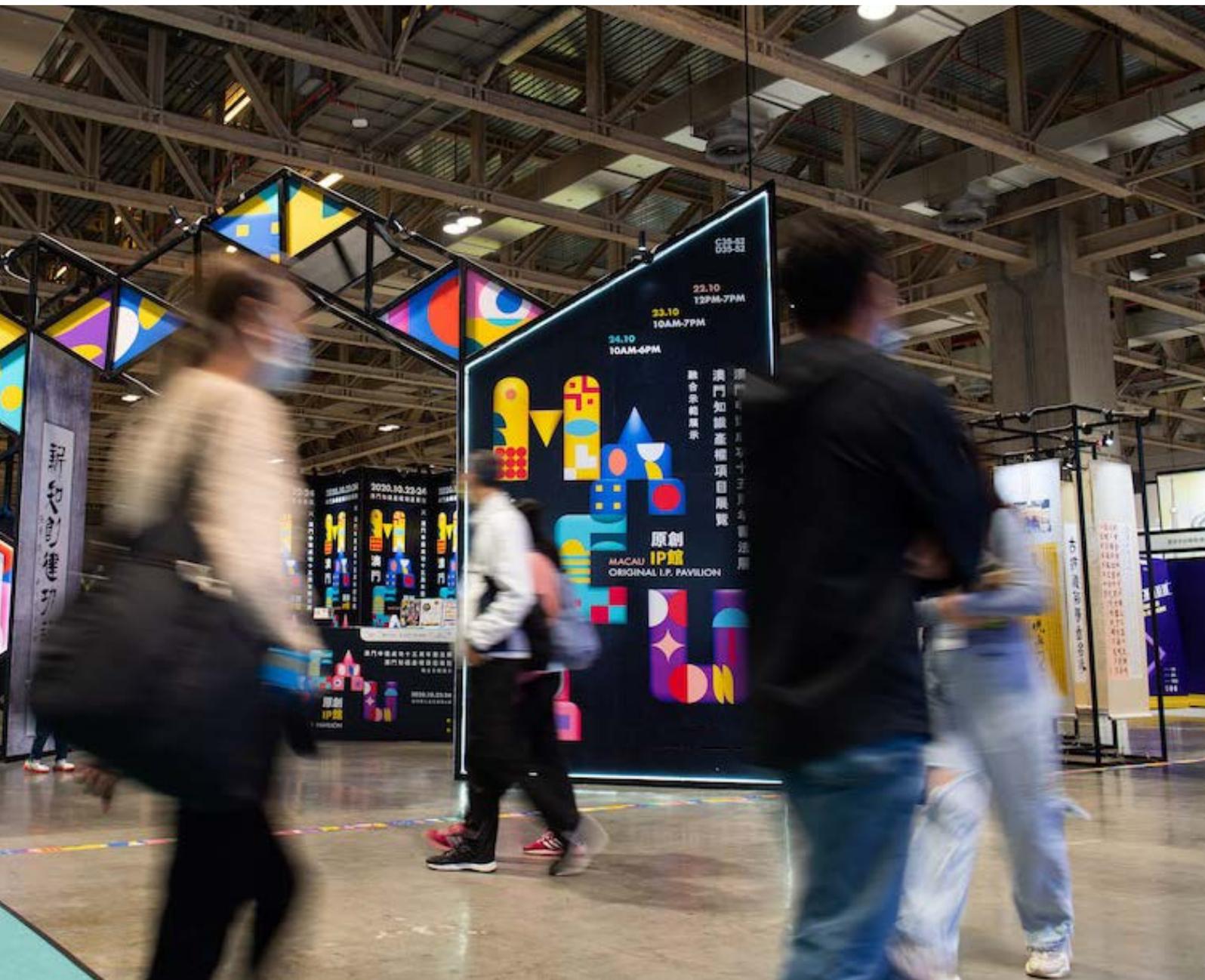
Nesse sentido, não é surpreendente para Alan Ho que o Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tenha agrupado a indústria das convenções e exposições juntamente com o comércio, o desporto e a cultura, como um dos quatro principais sectores emergentes na estratégia “1+4” de diversificação adequada da economia.

Além do sector das convenções e exposições, do comércio, da cultura e do desporto, o desenvolvimento prioritário deverá focar-se nas áreas da tecnologia de ponta, da “big health” e da indústria financeira moderna, através do apoio do sector basilar do turismo e lazer. O plano de diversificação do Governo apresenta metas a concretizar num prazo de cinco anos, procurando “desenvolver novas indústrias e fomentar novas vertentes de crescimento económico”.

No Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia da Região Administrativa



“Mega MICE”



Macau tem acolhido ao longo dos anos várias exposições e convenções de grande dimensão

Especial de Macau (2024-2028), publicado no final do ano passado, as autoridades enfatizaram o futuro “promissor” da indústria MICE, bem como do comércio, da cultura e do desporto.

Macau é a cidade do mundo com o maior número de hotéis com a pontuação máxima de cinco estrelas no Guia de Viagens da Forbes, o que oferece boas condições para a realização de eventos internacionais, destaca o documento oficial.

Resultados imediatos

Olhando para o desenvolvimento destes sectores nos próximos anos, o plano sublinha o crescimento acelerado da indústria MICE, em termos de mercantilização, profissionalização, internacionalização, digitalização e respeito pelo ambiente, através da organização de eventos de “referência internacional” na cidade. A RAEM também pretende estabelecer-se como uma “Cidade de Artes Performativas” e uma “Cidade Desportiva”, através da selecção de produções culturais e artísticas locais, atraindo espectáculos de renome internacional e acolhendo “mais competições desportivas internacionais de alto nível”.

Tendo em conta os quatro sectores emergentes, o académico Samuel Tong Kai Chung destaca que tanto a indústria MICE como o comércio, a cultura e o desporto têm uma base mais sólida para alcançar resultados rápidos em comparação com outros sectores emergentes.



Essas medidas [de vistos entre Macau e Hengqin] podem proporcionar mais opções de alojamento e roteiros para expositores e visitantes MICE

ALAN HO
PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO
DOS SECTORES
DE CONVENÇÕES,
EXPOSIÇÕES E
TURISMO DE MACAU

“Os sectores financeiros e relacionados com a saúde moderna têm bases relativamente mais fracas em Macau, exigindo maiores investimentos e políticas abrangentes para iniciar o seu desenvolvimento”, afirma Samuel Tong, presidente do Instituto de Gestão de Macau.

“Por outro lado, os segmentos de MICE e comércio, de cultura e do desporto estão consolidados na cidade há bastante tempo. É agora crucial concentrar recursos na resolução das fraquezas destes segmentos, reforçando simultaneamente as suas vantagens competitivas”, acrescenta.

De acordo com o plano de diversificação, prevê-se que a área dos recintos para convenções e exposições na cidade seja superior a 260 mil metros quadrados em 2028, comparando com os 240 mil metros quadrados registados no final de 2022. No mesmo período, espera-se que o número de convenções e exposições organizados na cidade aumente para entre 2000 e 2500.

Além disso, o número de convenções credenciadas pela Associação Internacional de Congressos e Convenções (ICCA, na sigla em inglês) deverá crescer de 6 para cerca de 50 a 70 eventos em 2028, enquanto o número de eventos reconhecidos pela Associação Global da Indústria de Exposições (UFI, na sigla em inglês) deverá subir de 10 para cerca de 13 a 15.

As autoridades pretendem também melhorar a reputação internacional da indústria MICE

de Macau, atraindo mais eventos profissionais e internacionais para a cidade, bem como fortalecendo a cooperação regional com entidades do Interior da China, como a Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin.

Alcance global

O Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau

(IPIM) continua empenhado em promover a indústria das convenções e exposições, nomeadamente a nível internacional.

“A fim de desenvolver ainda mais o sector MICE de Macau e atrair mais eventos de alta qualidade, o IPIM tem colaborado com as associações da indústria e com as empresas integradas de turismo e lazer para estabelecer o ‘grupo de trabalho de apoio à licitação de convenções e

exposições”’, refere o organismo em resposta à Revista Macau. “Através deste mecanismo de colaboração, [o IPIM] mantém estreita comunicação e intercâmbio com os parceiros, fortalecendo a sinergia entre o sector MICE e outras indústrias.”

De forma a aumentar o reconhecimento da indústria MICE de Macau a nível internacional, o IPIM tem incentivado os parceiros da indústria a aderirem a organizações



Os Serviços de Turismo têm efectuado várias actividades promocionais no exterior

internacionais. No ano passado e também no início deste ano, dois representantes do sector MICE do território assumiram, respectivamente, cargos administrativos na ICCA e na UFI.

O organismo de promoção do investimento de Macau tem também apoiado a organização

de vários programas de formação para o desenvolvimento de talentos no sector MICE. De acordo com o IPIM, até Dezembro, quatro programas de formação coordenados por organizações internacionais terão lugar em Macau.

“[Estes esforços] podem ajudar a atrair mais eventos MICE

internacionais e profissionais para Macau, avançando ainda mais a profissionalização e internacionalização do sector”, salienta o IPIM.

Alan Ho reconhece que os esforços do grupo de trabalho têm produzido resultados positivos. “O IPIM [também] lançou o programa ‘Embaixadores de



Macau foi palco, entre 28 de Maio e 2 de Junho, de uma das etapas da Liga das Nações de Voleibol Feminino

Convenções’, que convida especialistas de diversas áreas, nacionais e internacionais, para servirem como embaixadores”, realça Alan Ho. “Estes embaixadores poderão ajudar Macau a atrair mais convenções internacionais.”

O programa foi lançado pelo IPIM em 2017 e conta com uma lista de embaixadores que inclui personalidades notáveis como Orlando Monteiro da Silva, antigo presidente da Federação Dentária Internacional; o professor Tsui Lap Chee, afamado especialista em genética molecular e antigo vice-reitor e presidente da Universidade de Hong Kong; Li Ning, ex-ginasta chinês e medalhado de ouro olímpico; e He Jintang, um famoso arquitecto e membro da Academia Chinesa de Engenharia, entre outros.

Confiança nos resultados

Alan Ho expressa confiança na capacidade de Macau de atingir os objectivos para a indústria das convenções e exposições traçados no plano de diversificação, acrescentando que o ritmo de recuperação das actividades MICE na era pós-pandemia tem correspondido às expectativas. O número total de eventos em 2024 deverá atingir cerca de 1500, semelhante ao volume de 1536 eventos registado em 2019.

“A indústria também se tem esforçado para atrair cada vez mais conferências internacionais para Macau. Caso não haja mudanças significativas no contexto global no



Macau tornou-se uma metrópole internacional com infra-estruturas desportivas de classe mundial, especialmente instalações cobertas

KEVIN HO
PRESIDENTE
DA FEDERAÇÃO
DAS ASSOCIAÇÕES
GERAIS DESPORTIVAS
DE MACAU CHINA

futuro, estamos confiantes de que Macau poderá atingir estas metas”, afirma o responsável.

Os últimos dados da Direcção dos Serviço de Estatística e Censos indicam que o número de eventos no primeiro trimestre de 2024 atingiu 307, marcando um crescimento homólogo de 31,2 por cento e atingindo 80 por cento do volume pré-pandémico. Especificamente para exposições, realizaram-se 12 eventos no período entre Janeiro e Março deste ano, em comparação com os 10 eventos registados no mesmo período de 2019.

“No primeiro trimestre de 2024, as receitas da indústria não-jogo impulsionadas pelas actividades MICE atingiram cerca de 900 milhões de patacas, um aumento superior a 50 por cento face ao mesmo período do ano anterior”, sublinha o IPIM na resposta à Revista Macau. “Este crescimento significativo destaca o impacto positivo da indústria MICE em vários sectores.”

O IPIM refere ainda que estão planeados para o segundo semestre deste ano mais eventos relacionados com a estratégia governamental “1+4”, incluindo nas áreas da saúde, das tecnologias de informação e das finanças modernas, “para aumentar o efeito sinérgico entre a indústria MICE e outros sectores”.

“Um Evento, Dois Locais”

Uma colaboração mais estreita com a vizinha Zona de Cooperação Aprofundada, nomeadamente acolhendo

mais eventos e actividades MICE em ambos os locais, poderia também acelerar o desenvolvimento da indústria de Macau, destaca Alan Ho. “Hengqin tem actualmente mais de 8 mil quartos de hotel e espera-se que este número cresça para mais de 10 mil. A disponibilidade destes recursos hoteleiros pode complementar a oferta de Macau”, salienta.

As recentes medidas de flexibilização de vistos implementadas em Maio, permitindo múltiplas entradas entre Macau e Hengqin para turistas do Interior da China que participam em pacotes turísticos de ambos os locais, poderá melhorar ainda mais a colaboração no sector MICE entre os dois lados, sugere Alan Ho. “Essas medidas podem proporcionar mais opções de alojamento e roteiros, além de conveniência, para expositores e visitantes MICE”, acrescenta. “A indústria também tem mais oportunidades para explorar diferentes tipos de eventos que podem ser realizados em ambos os locais, aumentando assim a competitividade e o desenvolvimento da indústria MICE de Macau.” (Mais sobre o novo sistema de vistos Macau-Hengqin na secção Desenvolvimento Nacional – página 40 e seguintes.)

Este modelo de negócio de “um evento, dois locais” entre Macau e Hengqin tem sido um dos focos do Governo da RAEM. Em Junho do ano passado, o IPIM e a Direcção dos Serviços de Desenvolvimento Económico da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e



Ao acolher concertos, eventos desportivos e exposições [...] Macau tem potencial para atrair mais turistas e expandir os seus mercados emissores de turismo

SAMUEL TONG
PRESIDENTE DO
INSTITUTO DE GESTÃO
DE MACAU

Macau em Hengqin lançaram a marca “MICE² Macau x Hengqin” para promover este modelo de negócio a nível internacional. Como parte destes esforços, o IPIM apresentou, no passado mês de Maio, esta iniciativa na “IMEX Frankfurt 2024”, uma importante feira para a indústria MICE, na Alemanha, introduzindo o panorama e as vantagens de organizar eventos em Macau e Hengqin.

Em 2023, realizaram-se 14 eventos no âmbito deste sistema, em comparação com três eventos do ano anterior, segundo o IPIM, incluindo a “BEYOND Expo” e a “Exposição Internacional de Consumo de Alta Qualidade da China (Macau) e Fórum Mundial sobre a Baía em Hengqin”. Só no primeiro trimestre deste ano, realizaram-se quatro eventos MICE em Macau e Hengqin.

Jogos Nacionais

O plano de diversificação também sublinhou a oportunidade de a cidade aproveitar a 15.ª Edição dos Jogos Nacionais da China para promover a sinergia entre os sectores das convenções e exposições e do desporto. Os Jogos Nacionais – co-organizados pela província de Guangdong, Hong Kong e Macau no próximo ano – são vistos como uma plataforma para acelerar o desenvolvimento do sector do desporto em Macau. A RAEM irá acolher várias competições dos Jogos Nacionais, incluindo ténis de mesa, voleibol feminino, basquetebol três



O Desfile Internacional de Macau tem enaltecido o papel de Macau como “Cidade de Artes Performativas”

contra três, basquetebol masculino sub-18 e karaté.

O documento oficial refere que, através da conjugação da oferta desportiva, turística e cultural, serão reforçados os efeitos de referência dos eventos desportivos e criada uma imagem distinta de Macau como “Cidade do Desporto”.

O Governo irá impulsionar as seis empresas integradas de turismo e lazer “para desenvolverem mais projectos com elementos

desportivos e de lazer, e aproveitar, ao mesmo tempo, os recursos, as instalações e os equipamentos das empresas para realizar competições desportivas [e] desenvolver, em conjunto com o sector, projectos de turismo desportivo que atraiam turistas internacionais”, segundo o plano de diversificação.

Kevin Ho King Lun, presidente da comissão executiva da Federação das Associações Gerais

Desportivas de Macau China, reconhece o potencial de Macau, citando a história e o sucesso do território em acolher eventos desportivos de nível internacional, como o Grande Prémio de Macau, a Liga das Nações de Voleibol Feminino, o Campeonato do Mundo de Ténis de Mesa e a Maratona Internacional de Macau. “Macau tornou-se uma metrópole internacional com infra-estruturas desportivas de classe mundial, especialmente

instalações cobertas. Estas instalações desportivas, juntamente com os complexos hoteleiros, proporcionam comodidade aos organizadores e participantes de eventos no que toca ao planeamento em termos de transportes e itinerários”, acrescenta.

As empresas integradas de turismo e lazer de Macau têm também levado a cabo várias iniciativas desportivas, como competições

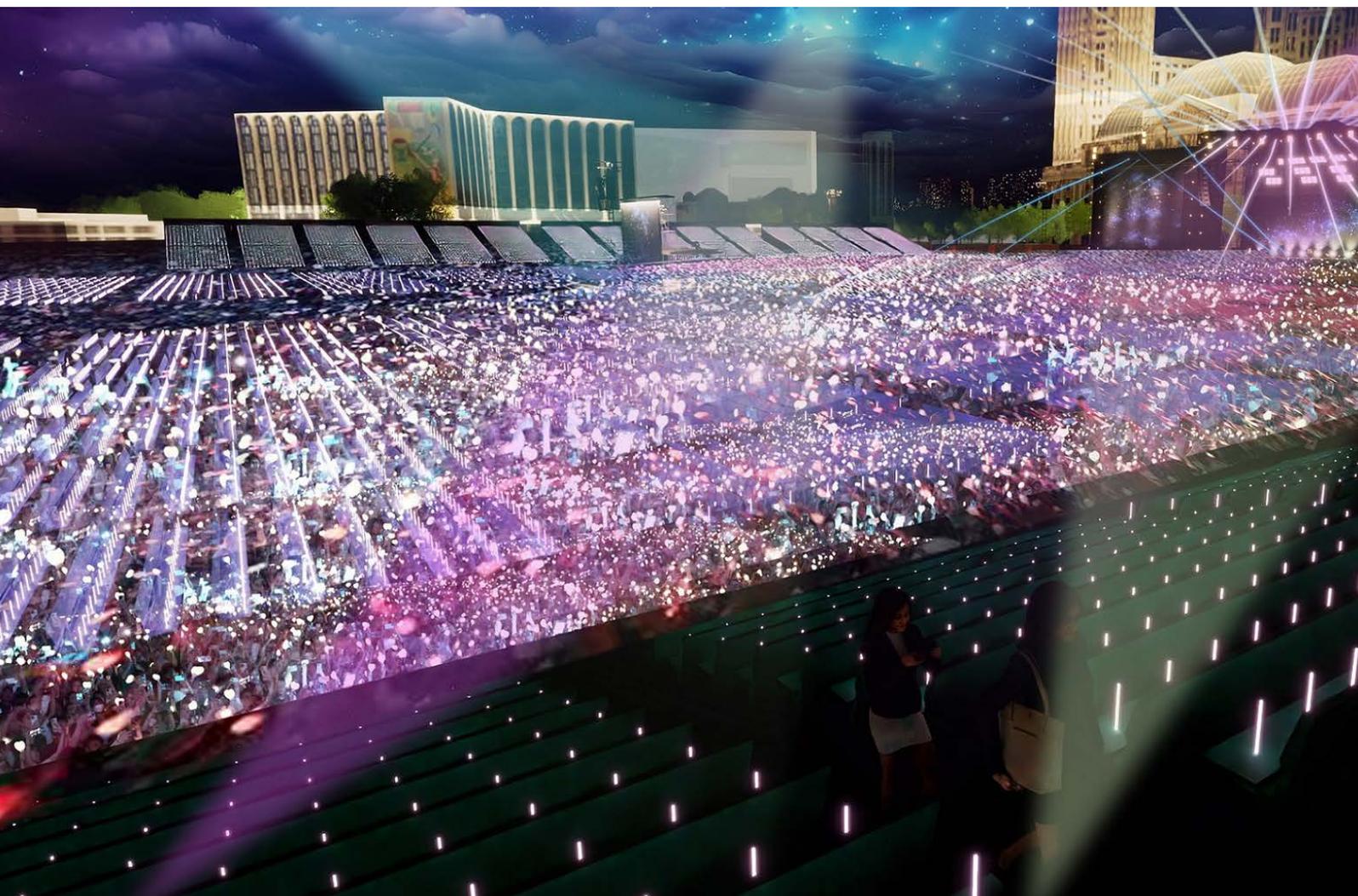
de golfe, torneios de snooker e até uma regata internacional.

“Pequena, mas excelente”

“Macau é pequena e pode não ter estádios ao ar livre de grande dimensão, o que torna impossível acolher eventos desportivos prolongados e de grande envergadura. No entanto, temos excelentes condições para acolher

competições de elite e eventos de grandes provas como a Liga das Nações de Voleibol Feminino”, explica Kevin Ho. A recém-concluída etapa de Macau da Liga das Nações de Voleibol 2024 contou com a participação de oito das melhores equipas de voleibol feminino do mundo, que competiram em Macau durante seis dias.

“Ainda é possível que Macau receba um vasto leque de



O Governo vai criar um espaço temporário para espetáculos ao ar livre, com capacidade para 50 mil pessoas

competições desportivas internacionais de elevada qualidade, atraindo atletas e os seus apoiantes de todo o mundo”, continua o mesmo responsável. “Com estas instalações e uma colaboração mais estreita com a Zona de Cooperação Aprofundada em Hengqin e na Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau como um todo, juntamente com as oportunidades decorrentes dos Jogos Nacionais no

próximo ano, podemos definitivamente explorar mais eventos desportivos internacionais na cidade.”

Contudo, a realização de determinados eventos desportivos pode causar transtornos no dia-a-dia dos residentes. Por exemplo, o Grande Prémio de Macau e a Maratona Internacional de Macau resultam no encerramento temporário das estradas. “Não é surpreendente que alguns residentes possam não estar satisfeitos com a organização de tais eventos”, afirma Kevin Ho. “Assim, é importante que as autoridades melhorem a comunicação com o público em geral sobre os benefícios dos eventos desportivos, aumentando o seu apoio e compreensão do desenvolvimento da estratégia ‘desporto+’.”

Cidade Cultural da Ásia Oriental

Kevin Ho, que também é deputado de Macau à Assembleia Popular Nacional, destaca a recente selecção de Macau como “Cidade Cultural da Ásia Oriental 2025” e o potencial que esta designação abre para promover os sectores do turismo, cultura e desporto. A Cidade Cultural da Ásia Oriental é uma iniciativa anual lançada conjuntamente pela China, Japão e Coreia do Sul, apresentando a herança histórica e cultural destes três países. Todos os anos, uma ou duas cidades de cada país são nomeadas e seleccionadas como cidades culturais da Ásia Oriental.

O Gabinete da Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura revelou que Macau receberá oficialmente a designação num encontro no Japão, em Setembro. No ano seguinte, serão organizadas exposições culturais de grande escala, conferências internacionais e mostras de património cultural imaterial sob o tema “Encontro do Oriente com o Ocidente e harmonia asiática”.

“[O Governo da RAEM] irá aproveitar a selecção para as ‘Cidades Culturais da Ásia Oriental 2025’ para expandir ainda mais a singularidade cultural da cidade, melhorar a construção de sistemas e instalações de serviços culturais públicos e aprofundar o papel de Macau como ‘uma base de intercâmbio e cooperação para a promoção da coexistência multicultural, com predominância da cultura Chinesa’, promovendo o intercâmbio e aprendizagem mútuos entre as civilizações chinesa e estrangeira”, referiu o gabinete da Secretária em comunicado.

Festivais e espectáculos

Os objectivos da cidade de se transformar numa base multicultural de intercâmbio e cooperação e numa “Cidade de Artes Performativas” para promover a sua indústria cultural também estão sublinhados no plano de diversificação para Macau. De acordo com o documento oficial, para alcançar estes objectivos, as autoridades pretendem acolher mais eventos



culturais e artísticos, otimizar as instalações para espectáculos e eventos, implementar medidas de apoio aos profissionais, marcas e produções culturais locais e reforçar os intercâmbios culturais e artísticos com outras partes do mundo.

O plano sugere reforçar a colaboração com as empresas integradas de turismo e lazer para otimizar os programas artísticos e culturais existentes, como o Festival de Artes de Macau, o Festival Internacional de Música de Macau, o Encontro em Macau – Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa e o Arte Macau – Bienal Internacional de Arte de Macau, bem como para introduzir novas ofertas. Por exemplo, o Instituto Cultural (IC) irá acolher a edição inaugural do Festival Internacional de Arte Infantil em Julho e Agosto, com espectáculos de palco, exposições, instalações ao ar livre e workshops.

De acordo com o IC, Macau acolheu mais de 10 mil actividades culturais e artísticas em 2023, incluindo 2 mil espectáculos culturais e de entretenimento de grande envergadura organizados pelo Governo e por entidades privadas. O conjunto dessas actividades atraiu um público estimado em quase 20 milhões de pessoas. Além disso, os concertos organizados em 2023 pelas seis concessionárias geraram 1,1 mil milhões de patacas em receitas de bilheteira e atraíram cerca de 1 milhão de pessoas.

O plano de diversificação também inclui compromissos para construir novas instalações e modernizar as infra-estruturas para espectáculos e eventos culturais e artísticos. O Governo da RAEM seleccionou recentemente um terreno com uma área de 94 mil metros quadrados, no cruzamento da Avenida do Aeroporto com a Rua de Ténis no Cotaí, para criar um espaço temporário para espectáculos ao ar livre, com capacidade para pelo menos 50 mil pessoas. O local poderá receber grandes concertos de artistas internacionais, bem como programas de artes performativas, festivais culturais e outras actividades.

Impulsionar o turismo

A construção deste recinto “criará boas condições para a realização de espectáculos de grande dimensão ao ar livre em Macau, de forma a atrair os espectáculos de nível internacional”, frisou o IC.

A Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, Ao Ieong U, disse que as autoridades estão empenhadas em acolher o primeiro espectáculo neste novo espaço durante os primeiros dois meses de 2025.

Ainda no que toca ao apoio à cultura, as autoridades têm garantido o apoio à revitalização de mais edifícios históricos e locais de património cultural para exploração de actividades culturais e turísticas, como as vivendas de Mong-Há, o Pátio da Eterna Felicidade e a Mansão da Família Chio. Deverá

também haver mais ofertas culturais que incorporem o património imaterial da cidade, como as festas tradicionais, acrescenta o plano de diversificação.

Segundo Samuel Tong, é esperado que o desenvolvimento dos sectores MICE, desportivo e cultural contribua para o avanço da indústria turística de Macau e promova Macau como um destino atractivo. “Ao acolher concertos, eventos desportivos e exposições, a par de melhorias na rede de voos internacionais e regionais, Macau tem potencial para atrair mais turistas e expandir os seus mercados emissores de turismo”, explica o académico.

O Governo da RAEM espera que a cidade receba um total de 33 milhões de visitantes este ano, dos quais mais de 2 milhões serão provenientes de mercados internacionais. Esta meta representa uma taxa de recuperação superior a 83 por cento em comparação com os 39,4 milhões de visitantes registados em 2019.

Estes eventos desportivos, MICE e culturais não só atraem mais turistas, mas também podem contribuir para melhorar o espírito empresarial local, destaca o presidente do Instituto de Gestão de Macau. “Os visitantes têm a oportunidade de fazer compras e consumir na comunidade local enquanto participam nestes eventos, o que pode impulsionar o consumo local e injectar vitalidade na economia local”, acrescenta Samuel Tong. ◀



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

把握中葡商機

中葡商貿導航

與您同航

A CONDUTA DO COMÉRCIO CHINA-PLP

O parceiro vosso na rota de oportunidades
de negócios sino-lusófonos



服務SERVIÇO

-  商貿諮詢 Consultoria de negócios
-  轉介約見 Encaminhamento ou encontro
-  成立公司 Constituição de empresas
-  產品或服務的供求配對 Emparelhamento de produtos e serviços
-  宣傳推廣 Publicidade e promoção
-  舉辦或參與活動 Realização ou participação em actividades
-  投資項目配對 Emparelhamento de projectos de investimento
-  簽訂合作協議 Celebração de acordos de cooperação



更多服務資訊，請聯絡
Para mais informações, por favor contactar

 +853 8798 9724

 Pec_conduta@ipim.gov.mo

 +853 2872 7123

中文



Português



URBANISMO

Regenerar lugares com história

Renovação, requalificação e revitalização são palavras-chave no actual processo de rejuvenescimento de algumas zonas históricas de Macau. Os projectos de transformação urbana, assegura o Governo, irão desempenhar um papel importante no desenvolvimento diversificado do território

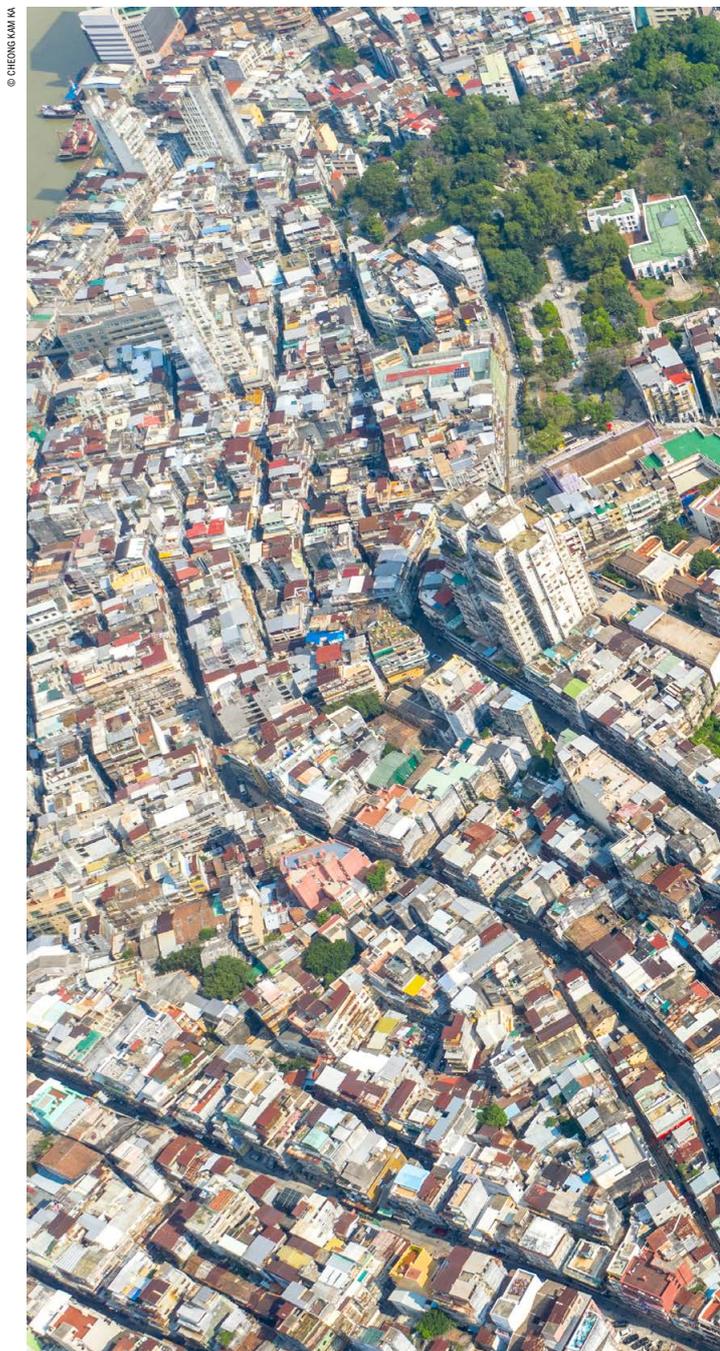
Texto | Nelson Moura

A PAISAGEM urbana de Macau está a atravessar um período de transformação considerável graças a uma série de projectos de revitalização urbana que prometem injectar nova vida em algumas das zonas mais carismáticas da cidade.

As diferentes formas de intervenção propostas para vários pontos da cidade pretendem regenerar espaços públicos com o objectivo de lidar com questões sociais e até estimular a economia local, segundo o Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

O plano, que conta com o apoio das seis empresas integradas de turismo e lazer de Macau, visa tornar, gradualmente, as zonas históricas da cidade em destinos culturais e turísticos, de acordo com a Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, Ao Ieong U. A ideia, adiantou a governante numa sessão de apresentação dos projectos, em Abril, é que este seja o ponto de partida para criar um ambiente favorável para os diferentes sectores da sociedade.

A iniciativa visa revitalizar bairros históricos, promover o envolvimento da comunidade e diversificar a economia da cidade. Cada concessionária tem a seu



© CHEONG KAM KA

para rejuvenescer a cidade



A revitalização das zonas históricas de Macau irá contar com o apoio da comunidade

cargo projectos específicos que contribuem para um objectivo mais amplo, com a Revista Macau a rever as várias iniciativas planeadas para as diversas zonas da malha urbana de Macau.

Como parte dos novos contratos de concessão, assinados, em 2022, entre a RAEM e as seis empresas integradas de turismo e lazer, um total de 108,76 mil milhões de patacas deverá ser investido – ao longo do período de dez anos das novas concessões – em elementos não relacionados com o sector do jogo. As autoridades locais exigem o compromisso destas empresas para com a revitalização urbana, a diversificação económica e a preservação cultural. Os projectos não apenas pretendem regenerar áreas históricas, mas também incentivar o envolvimento da comunidade e atrair mais visitantes internacionais, solidificando Macau como um centro mundial de turismo e lazer.

Para o arquitecto Rui Leão, “faz sentido que as concessionárias tenham de desenvolver modelos economicamente sustentáveis [...] para essas zonas” da cidade.

“Isto significa uma obrigação social adicional, que está a ser imputada para que essas entidades tenham a capacidade de ter um modelo de negócio sustentável para o que estejam a propor para o Centro Histórico de Macau. É difícil, porque a gestão do património

raramente se coaduna com um modelo económico com lucro”, realçou o presidente da DCOMOMO Macau, uma organização que se propõe documentar e preservar as criações do Movimento Moderno na arquitectura, urbanismo e manifestações afins.

Segundo Rui Leão, que é também presidente do Conselho Internacional de Arquitectos de Língua Portuguesa, será importante assegurar “uma visão de conjunto a nível de gestão de património e não a nível de negócios”, algo que deverá ser “feito com um plano de intervenção” específico.

“Para isso, é preciso uma entidade independente e que esteja a operar só a nível técnico – como um arquitecto ou urbanista com uma equipa –, e que monte o cenário da alteração urbana sem ter uma ligação com a política designada pelo Governo nem com o modelo de negócio definido pelo operador”, acrescenta.

Metas traçadas

Na apresentação dos projectos, a presidente do Instituto Cultural (IC), Leong Wai Man, detalhou as características e expectativas do Governo no que diz respeito à revitalização das diversas zonas históricas do território.

De acordo com a dirigente, as quatro zonas históricas localizadas na península de Macau devem ilustrar a história e a cultura das diferentes comunidades locais. Através da integração e expansão dos espaços, o âmbito de cobertura dessas zonas abrange todo o bairro antigo do Porto Interior.

As autoridades querem intensificar o fluxo de pessoas entre as diferentes zonas, reforçando as conexões e potencializando a complementaridade entre as diferentes áreas. Quanto às duas zonas históricas na Taipa e em Coloane, antigas áreas industriais, quer-se agora maximizar as suas características distintivas para introduzir novos elementos ao desenvolvimento cultural e turístico das ilhas.

“Os projectos de revitalização visam valorizar a história e a cultura das áreas antigas, criar zonas atractivas com identidade única, impulsionar o sector cultural de Macau e promover o desenvolvimento das pequenas e médias empresas locais”, afirmou Leong Wai Man.



Os projectos de revitalização visam valorizar a história e a cultura das áreas antigas [e] criar zonas atractivas com identidade única

LEONG WAI MAN
PRESIDENTE DO INSTITUTO CULTURAL



Exposições e instalações interactivas tornam a Fábrica de Panchões Iec Long num espaço mais dinâmico

“Através da cooperação entre o Governo da RAEM e as empresas integradas de turismo e lazer [...] pode-se ajudar estas empresas a resolver, de forma mais célere, os pormenores técnicos durante o processo de revitalização, o que permite às seis empresas desenvolver uma cooperação e planeamento abrangentes e diversificados, e de longo prazo, através da colaboração com as pequenas e médias empresas locais, assim como com os profissionais e talentos da área cultural de Macau”, acrescentou a responsável.

Desde Setembro de 2023, as empresas têm organizado eventos temáticos nas zonas históricas, atraindo “com sucesso turistas das principais zonas turísticas para estes bairros, dinamizando a economia do turismo cultural na comunidade”, realça o IC em resposta à Revista Macau.

“Desde o lançamento dos projectos, o número de visitantes aos bairros antigos tem aumentado visivelmente e novas empresas foram atraídas para estes bairros, causando um certo efeito na divulgação das características culturais de Macau e no impulsionamento económico dos bairros antigos”, destaca o organismo público.

De acordo com a Secretária Ao Jeong U, dependendo de como todo o processo for conduzido e dos resultados alcançados, será estudada a “possibilidade de alargar o âmbito destas zonas, ampliando ainda mais o benefício” que estes projectos de revitalização podem trazer à cidade.

Panchões e património industrial

No coração da Taipa, mais do que um pedaço de história, a Fábrica de Panchões Iec Long, fundada em 1925, é um dos poucos espaços que mantém viva a memória do património industrial de Macau. O espaço é o único conjunto de edifícios da indústria de panchões de Macau ainda preservado, com o IC a completar a primeira fase da revitalização em 2022, incluindo um passadiço de 400 metros e a recuperação de pequenos edifícios, abertos ao público no final do mesmo ano.

A próxima fase da renovação da Fábrica de Panchões Iec Long inclui a preservação dos edifícios históricos e da paisagem ecológica, assim como a adição de

elementos interactivos, numa intervenção que conta com o apoio da empresa Sands China Ltd.

Numa resposta à Revista Macau, a empresa sublinhou as várias iniciativas levadas a cabo até ao momento no que diz respeito ao plano de revitalização sob a sua responsabilidade, que inclui, além do melhoramento e utilização da Fábrica de Panchões Iec Long na Taipa, a regeneração do Pátio da Eterna Felicidade e da Rua das Estalagens na península, bem como a realização de várias iniciativas.

“Estes eventos [na antiga Fábrica de Panchões] incluem oficinas interactivas e instalações que celebram o património desportivo motorizado de Macau, transformando o local histórico num espaço animado, tanto para os locais como para os turistas”, refere a operadora.

Para celebrar o Festival da Primavera, por exemplo, a empresa organizou diversas actividades na Fábrica de Panchões e na zona das Casas-Museu da Taipa, apresentando decorações tradicionais do Ano Novo Lunar e vários espectáculos. Foram também apresentados projectos para investir em experiências temáticas

para enriquecer o percurso pedestre entre a Fábrica de Panchões e as Casas-Museu da Taipa, com este último espaço a tornar-se num local para fotografias de casamento.

O objectivo passa por criar uma experiência de realidade virtual que combina arte e tecnologia, promovendo a cultura chinesa e as características urbanas da zona, transformando o espaço num parque criativo que integra natureza, cultura, artes, moda e tecnologia.

Na península, o Pátio da Eterna Felicidade, o maior e mais bem preservado pátio ao estilo chinês em Macau, composto por 13 edifícios com um estilo arquitectónico unificado, será revitalizado em conjunto com a Rua das Estalagens, outrora uma das mais prósperas ruas comerciais de Macau. Desde que o IC assumiu a responsabilidade pelo Pátio da Eterna Felicidade, em 2019, foram realizadas várias obras de recuperação, com alguns edifícios já abertos ao público. A Sands China planeia transformar o pátio num espaço de criação artística, convidando artistas locais a estabelecerem residência artística.



© CHEUNG MAN YU

As praças nas imediações da San Ma Lou fazem parte do plano de recuperação para o centro da cidade



A Fortaleza do Monte acolheu, em Setembro, um Festival do Bolo Lunar

A Rua das Estalagens será decorada por artistas de Macau, revivendo a sua aparência histórica. Por outro lado, o lançamento de um programa de angariação de propostas empreendedoras pretende atrair mais empresas e negócios à Rua das Estalagens e fomentar a economia ligada aos sectores da cultura e do turismo.

Do âmbito do plano da empresa faz também parte a realização de actividades culturais, recreativas e desportivas na praça do Centro Cultural de Macau, para criar um espaço urbano para a população. Nesse sentido, a “Série de Extensão do Programa de Artes Performativas – Mostra de Inverno” foi realizada na praça do Centro Cultural de Macau, oferecendo uma plataforma para artistas locais se apresentarem.

A resiliência da San Ma Lou

Lazer, experiências típicas e conforto são os conceitos-chave do plano de revitalização da zona central da

península de Macau. Inaugurada por volta de 1918, a Avenida de Almeida Ribeiro, também comumente conhecida como San Ma Lou, continua a ser uma das principais avenidas da península. Nos seus dois lados, encontram-se predominantemente edifícios de dois a quatro pisos com arcadas, de diferentes estilos arquitectónicos, desde o neoclássico, com características modernistas, ao tradicional chinês.

O projecto de regeneração, incluindo a zona do Porto Interior num dos extremos da avenida, está a cargo da SJM Resorts, S.A..

A ideia passa por incluir as ruas e as praças nas imediações da San Ma Lou no esforço de recuperação, como as pontes-cais do Porto Interior, o Largo do Págo-de do Bazar e a Praça de Ponte e Horta, introduzindo diferentes actividades em articulação com os elementos culturais da zona, de forma a injectar vitalidade e promover o desenvolvimento económico dos bairros antigos adjacentes.

O plano inclui a revitalização e conservação das pontes-cais n.ºs 14 e 16 e do antigo casino flutuante “Macau Palace”, bem como a reestruturação do Centro Cultural e Recreativo Kam Pek. Assim que os trabalhos estejam concluídos, o “Macau Palace” será atracado na ponte-cais n.º 14, acolhendo restaurantes, zona comercial e um museu dedicado à cultura do jogo, visando dinamizar aquela zona da cidade.

Outras áreas ao longo da Avenida de Almeida Ribeiro serão transformadas em espaços culturais e artísticos, com planos para a realização regular de feiras de arte e gastronomia.

O Centro Cultural e Recreativo Kam Pek, que o grupo SJM adquiriu, em Maio, por 166 milhões de dólares de Hong Kong, será também transformado num espaço para comércio e oferta gastronómica tradicional, proporcionando uma plataforma para as pequenas e

médias empresas locais venderem produtos característicos ou originais.

Activar as pontes-cais

Também a área das pontes-cais n.ºs 23 e 25, no Porto Interior, está prestes a ganhar nova vida. Este local histórico, construído nas décadas de 1940 e 1950, possui uma localização geográfica privilegiada, com uma paisagem costeira única e uma forte atmosfera comunitária.

A Melco Resorts (Macau), S.A. ficou responsável por revitalizar estas pontes-cais, com o projecto a apontar à criação de espaços de ligação únicos, impulsionando o fluxo de pessoas e conectando o Centro Histórico de Macau, inscrito na Lista do Património Mundial desde 2005, com a zona do Porto Interior e outras áreas históricas da península.



A Rua da Felicidade, no centro da cidade, foi palco de um desfile de moda que juntou dez marcas locais

As pontes-cais n.ºs 23 e 25 estão rodeadas por lojas tradicionais e restaurantes, e ligadas a bairros tradicionais e edifícios históricos, como a Rua de Cinco de Outubro, o Templo do Bazar, a Igreja de Santo António e a Biblioteca do Patane. O projecto pretende usar essas pontes-cais como pontos centrais, de modo a criar mais experiências de turismo cultural e a enriquecer a diversidade do turismo comunitário na RAEM.

A empresa apresentou o tema “Conservação – Revitalização – Simbiose” como a âncora do plano de revitalização, integrando elementos culturais, artísticos, gastronómicos e de lazer, e promovendo um desenvolvimento sustentável.

Para aproveitar os recursos históricos e culturais de Macau, a operadora comprometeu-se a melhorar os espaços em redor da Fortaleza do Monte, proporcionando uma experiência diversificada de actividades culturais e de lazer.

Numa primeira fase, o IC e a Melco Resorts organizaram eventos durante o Festival do Bolo Lunar, com apresentações e bancas de comida no Jardim da Fortaleza do Monte, bem como concertos em frente às Ruínas de São Paulo, integrando elementos festivos nas áreas circundantes.

A busca pela felicidade

Localizada no centro da cidade, também a Rua da Felicidade é uma via antiga da península, com muitos recursos culturais envolventes, concentrados e característicos, que reúnem condições para serem revitalizados e aproveitados.

Nos dois lados da Rua da Felicidade e do Beco da Felicidade encontram-se, na sua maioria, edifícios de dois pisos de aparência semelhante, com lojas no rés-do-chão e habitações no piso superior, com cobertura inclinada, reflectindo as características da arquitectura chinesa do século XIX, e sendo actualmente bens imóveis classificados.

A Wynn Resorts (Macau), S.A. apresentou um Plano da Zona Pedonal da Rua da Felicidade, um projecto com o propósito de criar uma experiência turística e

cultural dinâmica ligando a Rua da Felicidade às principais zonas turísticas como a Avenida de Almeida Ribeiro e o Largo do Senado.

A zona pedonal abrange a Rua da Felicidade, Travessa do Mastro, Travessa do Aterro Novo, Rua do Matapau e Travessa de Hó Lo Quai, com actividades culturais, artísticas e comerciais planeadas para atrair visitantes e revitalizar o comércio local.

As obras incluem melhorias nos pavimentos, iluminação e limpeza ambiental, destacando a arquitectura histórica e cultural da área.

Depois de já ter promovido actividades artísticas, mercados culturais e criativos, e comidas e bebidas “especiais”, a empresa lançou também uma “Semana da Moda da Rua da Felicidade”, com a intenção de divulgar as últimas criações de marcas de Macau e revitalizar os negócios na comunidade através das artes e da cultura.

Cerca de dez marcas de moda local foram seleccionadas para um desfile inaugural, em que as marcas escolhidas apresentaram as suas colecções de Primavera/Verão 2024, com 70 “looks” de vários estilistas.

Contemporaneidade na Barra

“Contemporaneidade, moda, artes e vida” constituem o ponto de partida para explorar as narrativas históricas comunitárias da zona da Barra no entorno da Doca D. Carlos I. O plano de revitalização para esta área, a cargo da empresa MGM China Holdings Ltd., pretende “criar um novo tecido urbano que incorpore características culturais locais e se oriente para o desenvolvimento sustentável”.

Esta zona da cidade engloba uma área repleta de instalações industriais relacionadas com a cultura e história marítima do território, testemunhando o desenvolvimento e as mudanças daquela zona desde finais do século XIX.

A área a regenerar cobre cerca de 35 mil metros quadrados em redor da Doca D. Carlos I e abrange 13 edifícios, como a actual sede da Direcção dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água, o Museu Marítimo, as Oficinas Navais e o antigo Matadouro Municipal.

Através da introdução de elementos como zonas verdes, postos de venda de produtos culturais e criativos, exposições de artesanato, actividades de entretenimento, instalações artísticas e cafés com esplanada, o projecto visa “elevar a qualidade de vida cultural dos residentes”, afirma o IC.

Actualmente, a operadora já encetou uma parceria com pequenas e médias empresas locais de serviços de alimentação nos estaleiros navais com o objectivo de promover iguarias locais e para tornar a zona “mais vibrante”.

A empresa refere que a meta é estabelecer um ecossistema “turismo+” mais diversificado, incluindo

um “Mercado nocturno da Barra” aos fins-de-semana e “bazares” e “mercados de artesanato” regulares, criando um “novo modelo de consumo nocturno”.

O Largo do Pagode da Barra passou, desde o ano passado, a ser a base do Campeonato Internacional de Dança do Leão da MGM. “Através da realização de competições desportivas, esperamos atrair mais visitantes e negócios para as comunidades locais, algo que irá apoiar a diversificação económica de Macau”, defendeu Kenneth Feng, presidente e director executivo da MGM China, aquando do lançamento da iniciativa.



Vários espectáculos têm animado a zona da Barra, incluindo concertos e desfiles de grupos artísticos

Desde o início do corrente ano, a empresa já organizou uma variedade de actividades na zona da Barra – incluindo exposições de arte, oficinas de flores e espectáculos de rua –, sob o conceito “Viver a Arte com Estilo”.

Pista de gelo em Coloane

Os esforços de revitalização estendem-se também à Vila de Coloane, mais concretamente aos Estaleiros de Lai Chi Vun, cuja construção teve início na década de 1950. Situados na zona ribeirinha de Coloane, os



estaleiros – inactivos há quase 20 anos e a maior parte em avançado estado de deterioração – estão edificadas em fiadas paralelas, perpendiculares à água.

Como parte dos planos de revitalização do IC para a área, já foram inaugurados os lotes X11-X15 da primeira fase de reabilitação dos Estaleiros Navais de Lai Chi Vun, com uma área de cerca de 3000 metros quadrados, onde foram instalados uma zona para exposições temáticas e um espaço para espectáculos e workshops.

A ideia agora passa por criar um parque típico de actividades de lazer, tendo como tema a indústria de construção naval de Macau, numa empreitada que tem o apoio da Galaxy Casino, S.A..

Os estaleiros, símbolos da construção naval de Macau, serão revitalizados para oferecer uma experiência única aos visitantes. A primeira fase inclui a criação de um salão de exposições dedicado à história da indústria naval local, bem como espaços ao ar livre arborizados, áreas para lazer e actividades culturais, bem como visitas guiadas a esta zona da Vila de Coloane.

Para a segunda fase do projecto estão planeadas uma pista de patinagem no gelo simulada e uma quinta urbana inovadora, criando-se um “oásis urbano” através das tecnologias mais recentes para cultivo de vegetais. Será ainda construído um espaço para desportos, incluindo várias instalações de diversão infantil e um espaço para bicicletas e scooters, de acordo com o plano apresentado pelas autoridades locais.

Ao mesmo tempo, a empresa irá desenvolver uma plataforma para os grupos artísticos e culturais locais poderem trabalhar, exhibir e actuar naquela zona de Coloane, convidando os mesmos a estabelecer um local de encontro dedicado à cultura e arte local com uma livraria cultural e um café. Nesse sentido, serão organizadas regularmente actividades de intercâmbio cultural.

Além de promover o turismo cultural, o projecto visa fortalecer a conexão entre os Estaleiros Navais de Lai Chi Vun e as restantes atracções de Coloane, contribuindo para preservar o “valor cultural” dos estaleiros e dar uma nova vida à aldeia de Lai Chi Vun. ▲



MARCAS COM HISTÓRIA

Café Chip Seng: aromas únicos de Macau

Com mais de oito décadas de existência, a Companhia de Café Chip Seng Limitada evoluiu de uma loja onde os grãos de café eram torrados artesanalmente em grandes woks para uma empresa com fábrica própria e sistemas modernos. O que não mudou foi o foco em manter a produção em Macau e procurar apresentar sabores distintivos – já lá vão três gerações

Texto | Vitória Man Sok Wa

Fotografia | Cheong Kam Ka

É ALGO impossível de passar despercebido. Ao longo da última década, o consumo de café – e de toda a cultura associada a esta prática – conheceu um “boom” significativo em Macau, tanto em termos de quantidade como de qualidade. Multiplicaram-se os pequenos estabelecimentos especializados, com barista incluído, oferecendo uma panóplia de variedades da bebida, dos mais tradicionais expressos e “americanos” a mil e uma variantes de “mochas” e “macchiatos”.

Bastante anterior a esta tendência, a Companhia de Café Chip Seng Limitada não deixa, porém, de beneficiar dela. Fundada em 1942, a empresa é hoje um dos maiores fornecedores locais de café em grão e moído, a retalho e por grosso: uma parte significativa do consumo em restaurantes, hotéis e outros estabelecimentos da cidade tem por base grãos importados pela Chip Seng.

Parte importante do processo tem lugar na unidade fabril da empresa, localizada na zona da Areia Preta. É aí que o chamado “café verde” – isto é, grãos de café crus – é torrado. Este é um passo essencial para a qualidade final do produto, já que a temperatura a que decorre o processo e a sua duração têm impacto nos sabores e aromas finais.

De Hong Kong para Macau

O café tem uma história relativamente curta na China, onde o consumo de chá está enraizado há séculos. Em Macau e Hong Kong, o produto foi introduzido por influência ocidental, nomeadamente europeia.

Vong Bo On, o fundador da Chip Seng, teve o seu contacto inicial com a bebida em Hong Kong. Em 1932, em parceria com um sócio, abriu o seu primeiro negócio de comercialização de café na então colónia britânica. Em 1942, coincidindo com a invasão

japonesa de Hong Kong, Vong Bo On muda-se para Macau, onde estabelece a Chip Seng, com loja no Largo de S. Domingos.

“Nessa altura, navios comerciais provenientes de países como Portugal e o Brasil atravessavam invariavelmente as águas em redor de Macau. O meu avô comprava grãos de café não torrados a esses navios”, recorda Jeffrey Vong Chiok Va, actual director-geral da empresa familiar, agora nas mãos da terceira geração.

O responsável explica que, nos primórdios da Chip Seng, “os grãos de café eram torrados à mão em grandes panelas tipo wok”. Porém, o processo não assegurava uma torrefacção uniforme e os sabores do café acabavam adulterados pelo impacto do fumo.

Actualmente, é tudo diferente. As operações de produção da Chip Seng utilizam maquinaria especializada importada da Europa e o processo é gerido através de sistemas informatizados. Tal permite, por exemplo, regular a temperatura de torrefacção do café com uma precisão de 0,1 graus Celsius, assegurando sabores e aromas equilibrados e um controlo detalhado da qualidade, bem como garantindo a uniformidade do produto.

Marca com sabor local

Uma das áreas na qual a Chip Seng mais investe é a gestão dos sabores e aromas dos diferentes tipos de café que produz. Jeffrey Vong nota que, dada a diversidade de tipos de grãos de café, temperaturas e tempos de torrefacção e técnicas passíveis de serem utilizadas, é possível obter um vasto leque de variações.

Em contraste com as práticas do tempo do fundador, as compras de café da Chip Seng são agora normalmente efectuadas através de centros de comércio internacional e já não directamente junto de comerciantes de café em bruto. Jeffrey Vong afirma que, entre os países de língua portuguesa com produção cafeeira relevante, o café do Brasil é o mais popular localmente.

Uma característica que o responsável faz questão de incluir nos seus cafés é o “sabor” a Macau.

O empresário insiste que, desde a torrefacção até à embalagem, todo o processo de produção deve ser realizado localmente, o que granjeou à empresa o selo “Fabricado em Macau”, atribuído pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau.

“A técnica e o conhecimento do café são cruciais para quem trabalha neste domínio”, nota Jeffrey Vong, sublinhando que a formação de profissionais especializados requer tempo e recursos significativos. “Não é possível adquirir as competências e a experiência necessárias para se tornar um torrefactor de café e gestor de uma fábrica sem passar por um período de formação e desenvolvimento”, acrescenta. “A nossa

empresa tem vantagem, porque temos 82 anos de experiência: a nossa missão é manter as técnicas que foram desenvolvidas pelo meu avô.”

O café com marca Chip Seng está actualmente também disponível do outro lado das Portas do Cerco, ao abrigo do Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Interior da China e Macau (CEPA). O produto obteve recentemente certificação Halal, a qual garante que a respectiva produção respeita os preceitos islâmicos e que este pode ser consumido por quem é muçulmano, incluindo turistas de visita a Macau. Tal, acredita Jeffrey Vong, reforça a reputação da cidade como destino turístico internacional.



As operações de produção da Chip Seng utilizam maquinaria especializada importada da Europa

Segundo o empresário, os próximos passos para a Chip Seng incluem a expansão no mercado do Sudeste Asiático.

Um prazer adquirido

Jeffrey Vong explica que, nos primórdios do século XX, o consumo de café a nível local era sobretudo uma prática comum entre os ocidentais. Gradualmente, a bebida começou a ganhar tracção junto da comunidade chinesa, particularmente entre operários e outros trabalhadores que gostavam de beber café com o lanche da tarde, de forma a beneficiarem dos efeitos da cafeína para o resto da sua jornada laboral. Ainda assim,

a qualidade do café não constituía uma preocupação significativa para os consumidores em geral.

Nos últimos anos, a situação em Macau mudou drasticamente. Primeiro, pela mão de cadeias internacionais de café, como a Starbucks, e, mais recentemente, através do nascimento de diversos pequenos estabelecimentos locais especializados. Nas palavras de Jeffrey Vong, a expansão do sector e o maior interesse do público pela cultura associada ao café tiveram um impacto positivo no negócio de venda da Chip Seng.

“No passado, os restaurantes e ‘cha chaan teng’ em Macau apenas serviam café instantâneo”, diz o responsável. “No entanto, já não é esse o caso, pois a maioria dos estabelecimentos serve agora café moído na hora.”



O controlo das condições de torrefacção dos grãos de café é essencial para assegurar a qualidade do produto final

O caso dos “cha chaan teng” – vulgo “estabelecimentos de comidas”, na terminologia de Macau – é paradigmático. Este é um tipo de cafetaria tradicional, um modelo originário de Hong Kong, onde são usualmente praticados preços acessíveis e servidos pãezinhos, sandes, bolos, cozinha ocidental localizada, bebidas e, por vezes, pratos chineses. Vários servem uma combinação conhecida como “yuenyeung” (“鴛鴦”), que mistura café, chá e leite condensado. No entanto, para se adaptar aos tempos, muitos destes estabelecimentos de comidas estão agora a dar maior importância à qualidade do café que colocam nas mesas.

“No que respeita aos ‘cha chaan teng’, que representam o estabelecimento de café mais comum em Macau, para além do café em grão, é agora necessário fornecer equipamento de moagem e formação”, refere Jeffrey Vong.

Mais que uma bebida, uma experiência

O director-geral da Chip Seng enfatiza que o consumo de café tem vindo a evoluir, sendo, cada vez mais, uma experiência. “Se alguém aspira a abrir um negócio de venda ao público de café, é imperativo perceber que o mero fornecimento de um produto de alta qualidade é insuficiente”, explica. “Os clientes também desejam uma experiência imersiva, com um ambiente distintivo dentro do estabelecimento. Se não for esse o caso, poder-se-á perguntar por que razão os clientes não compram café na máquina de venda automática.”

A Chip Seng procura também adaptar-se às novas exigências do público. Jeffrey Vong explica que, sob a sua gestão, houve um esforço significativo para modernizar os sistemas operativos e de fabrico. Para além disso, a empresa tem procurado alargar aquilo que é a experiência tradicional de beber café, através da introdução de conceitos inovadores.

Um exemplo prende-se com a harmonização de sabores entre café e... cerveja, algo actualmente disponível nalguns resorts integrados da cidade. A ideia surgiu em conversa com um executivo de uma cervejeira local: seria possível consumir os dois produtos

ao mesmo tempo? A pergunta levou o director-geral da Chip Seng a investigar o tema, eventualmente lançando uma experiência de degustação que combina café e cerveja, na qual os clientes provam cada um dos produtos segundo uma ordem pré-determinada, com o objectivo de identificar três sabores distintos. A combinação permite eliminar o amargor da cerveja, deixando no paladar apenas o sabor doce do lúpulo.

“Provei dezenas de tipos de café e de cerveja até descobrir uma combinação mágica”, conta Jeffrey Vong, descrevendo o processo de investigação. “Ao beber este tipo de café e este tipo de cerveja, os sabores de ambas as bebidas sofrem uma mudança transformadora.”

Por outro lado, a Chip Seng inspirou-se nas tradições chinesas para desenvolver um outro produto, designado por “café da manhã” (“早晨咖啡”). Isto porque, segundo a medicina tradicional chinesa, o café é considerado algo que gera “calor interno” no organismo, prejudicial à saúde. Por conseguinte, é defendido que o consumo regular da bebida pode levar ao desenvolvimento de inflamações internas.

Para resolver o problema, Jeffrey Vong testou uma grande variedade de misturas de grãos de café, acabando por identificar uma combinação que, segundo a medicina tradicional chinesa, não gera “calor interno”. Nasceu assim o primeiro tipo de café desenvolvido em conjugação com conceitos da medicina tradicional chinesa.

Para lá do café

Embora o café seja o produto que tenha dado fama à Chip Seng, a empresa não comercializa apenas este tipo de artigo. Desde a sua fundação que o chá é outra das suas áreas de negócio.

A base de clientes da Chip Seng no que toca à venda de café e chá é muito similar, refere Jeffrey Vong. “A técnica de torrefacção do chá é semelhante à do café”, acrescenta o empresário. “Importamos principalmente folhas de chá da Índia e depois, na nossa fábrica, tal como o café, preparamos o chá com determinadas temperaturas e técnicas para obter um sabor e aroma distintos.”



“A diversidade cultural de Macau deu origem a um sabor Chip Seng característico, que encapsula a essência da cidade

JEFFREY VONG
DIRECTOR-GERAL DA
COMPANHIA DE CAFÉ
CHIP SENG LIMITADA

A Chip Seng actua também como agência de importação e comercialização de produtos alimentares da Europa e dos países de língua portuguesa. “Temos pessoal baseado na Europa que é responsável por acompanhar a evolução da cultura do café e da gastronomia do outro lado do mundo”, frisa Jeffrey Vong. O empresário acrescenta que a firma está a tentar expandir a sua gama de produtos, para venda em Macau e potencialmente no resto da Ásia.

Olhando para o futuro, o principal objectivo é que a Chip Seng possa seguir o exemplo das grandes marcas de café centenárias da Europa, sendo capaz de manter, ao longo dos tempos e de forma consistente, os aromas

e sabores dos seus produtos. Jeffrey Vong defende que uma marca local, que reúna características de Macau e qualidade superior, pode representar a cidade no palco internacional.

“A diversidade cultural de Macau deu origem a um sabor Chip Seng característico, que encapsula a essência da cidade”, defende o responsável. “É um feito notável para uma marca atingir quase um século de existência e ter sobrevivido a três gerações na mesma família. Neste contexto, a marca Chip Seng pode ser considerada um activo valioso que pode ser aproveitado para promover Macau à escala mundial.” ▲

NOVAS TENDÊNCIAS

Lojas de lembranças vegetarianas, a nova aposta da Vegetarian Farm

O restaurante Vegetarian Farm, com mais de duas décadas, é um dos mais proeminentes estabelecimentos vegetarianos locais. Este ano, a marca expandiu-se, com a abertura de três lojas de lembranças – vegetarianas, claro

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

É UMA casa vegetariana, com certeza. Quem entra no restaurante Vegetarian Farm, não vai ao engano: ali não há lugar para carnívoros. Basta abrir o menu, para dar de caras com uma lista de pratos vegetarianos majoritariamente de estilo chinês, numa sala onde se destaca um trio de estátuas douradas budistas. Agora, o restaurante já não está sozinho: a marca Vegetarian Farm expandiu-se e abriu este ano três lojas de lembranças alimentares, também com o foco em produtos vegetarianos.

As duas primeiras lojas foram inauguradas em Fevereiro, uma num dos resorts integrados do Cotai e outra na zona da Avenida de Almeida Ribeiro, no centro da península de Macau. A mais recente

abriu portas no início de Maio, na Rua do Cunha, na Taipa.

A ideia de enveredar pelo negócio das lembranças alimentares fazia sentido, visto que a Vegetarian Farm já produzia bolos e bolachas para venda a retalho, incluindo bolos lunares e os bem macaenses “bicho-bicho”, variedade de biscoitos em forma de lagarta. “Já tínhamos uma experiência de mais de 20 anos em artigos alimentares vegetarianos e queríamos transmitir os conceitos e vantagens deste tipo de dieta e estilo de vida”, conta Wong Lai Ut, que está à frente das lojas de lembranças. “Passámos algum tempo a prepararmo-nos e finalmente abrimos a nossa primeira loja de lembranças em Fevereiro deste ano, no resort integrado Studio City.”

Inaugurar logo o primeiro estabelecimento no Cotai pretendeu enviar uma mensagem forte ao mercado. “Ter uma loja num resort integrado é uma forma de dizer ao público que a qualidade dos nossos produtos está garantida”, considera Wong Lai Ut, acrescentando que os dois outros estabelecimentos, localizados em pontos turísticos chave da cidade, têm por alvo reforçar a promoção da marca junto dos visitantes.

“Neste momento, ainda estamos a desenvolver mais produtos, para oferecer novas opções aos clientes”, refere a responsável. “Gostaríamos que mais pessoas conhecessem a nossa marca, que mais turistas adoptassem esta marca de Macau. E gostaríamos de expandir



As lojas de lembranças Vegetarian Farm combinam novos conceitos com sabores característicos de Macau

ainda mais a nossa marca, talvez no futuro para o resto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e outras partes da China.”

As origens

O restaurante Vegetarian Farm foi fundado há mais de 20 anos, mantendo-se como um negócio familiar, agora encabeçado pela segunda geração. O espaço conheceu diferentes localizações ao longo da sua existência, sendo actualmente um dos restaurantes vegetarianos de maior dimensão em Macau.

As suas primeiras instalações foram na zona do NAPE. Já na altura, o objectivo era oferecer

um espaço amplo e confortável aos clientes.

De acordo com Wong Lai Wan, actual responsável pela gestão do restaurante e irmã de Wong Lai Ut, a primeira localização do Vegetarian Farm era algo afastada dos principais núcleos habitacionais da cidade. “Queríamos que mais locais e associações conhecessem a nossa marca e também a nossa comida vegetariana, pelo que mudámos, primeiro, para a zona da Avenida do Coronel Mesquita e agora estamos na Ilha Verde”, explica.

Na cultura chinesa, o vegetarianismo tem ligações, em particular, às crenças budistas. Este tipo de dieta é também tradicionalmente

mais popular junto de camadas mais idosas, embora o seu apelo tenha vindo a alargar-se com o crescente foco da população em geral na saúde e no bem-estar. De acordo com um inquérito realizado em 2021 pelo Centro de Pesquisa Macau Lda. a pedido da Associação da Cultura Vegetariana em Macau, apenas 1,3 por cento dos entrevistados se afirmavam como vegetarianos. Porém, perto de um terço admitia fazer pelo menos uma refeição vegetariana por semana.

Wong Lai Wan refere que o Vegetarian Farm se esforça por combinar tradição e inovação no que toca à oferta gastronómica. “Temos pratos mais tradicionais, mas

também pratos novos, incluindo culinária de Sichuan, de Zhejiang, portuguesa e tailandesa”, diz a responsável.

Nas lojas de lembranças alimentares, a filosofia é similar. Wong Lai Ut afirma que a equipa está atenta à qualidade dos produtos, enquanto procura inovar nos

sabores e embalagens. Parte da oferta está adaptada para quem segue dietas “vegan”, isto é, que para além do consumo de carne e peixe, excluem também qualquer outro produto de origem animal, como leite ou ovos. “Continuamos a melhorar os nossos produtos, monitorizando e garantindo a sua

qualidade, bem como procurando melhores materiais e ingredientes”, assegura a responsável.

A mistura de novos conceitos com sabores característicos de Macau procura “refrescar” o posicionamento tradicional dos produtos vegetarianos, tornando-os mais atractivos para as novas gerações, continua Wong Lai Ut. Ao lado de doces à base de amendoim e sabores mais convencionais como sésamo branco ou preto, as lojas da Vegetarian Farm oferecem produtos diferenciadores, como biscoitos de amêndoa com sabor a rosas, chá Earl Grey ou chá Oolong.

Um estilo de vida

A marca Vegetarian Farm tem visto os seus esforços de aposta na qualidade serem recompensados com prémios. Em Abril, arrecadou o galardão “Marca de Lembranças Mais Popular de Macau”, atribuído no âmbito da edição deste ano dos Prémios “Marca Mais Popular”, evento promovido pela estação de televisão de Hong Kong TVB.

Na edição de 2023 do concurso local “iFood Award”, organizado pela Macao Catering Industry Association, a Vegetarian Farm recebeu a distinção de “Restaurante Vegetariano Preferido”. Já este ano, o estabelecimento obteve certificação Halal, assegurando que respeita os preceitos islâmicos e que os pratos constantes no seu menu podem ser consumidos por quem é muçulmano.



As irmãs Wong Lai Wan (esq.) e Wong Lai Ut (dir.) estão actualmente à frente da marca Vegetarian Farm



Qualidade e diversidade caracterizam a cozinha do restaurante Vegetarian Farm

Além disso, a marca foi também recentemente integrada no “Plano das Lojas com Características Próprias”, organizado pela Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico. Este visa apoiar empresas locais com características singulares a operar nos sectores da restauração e do comércio a retalho.

A Vegetarian Farm advoga não só uma dieta vegetariana, mas também um tipo de alimentação que faça recurso à ingestão de produtos da época, de legumes a frutas. “Uma ideia importante na nossa promoção da cultura vegetariana

saudável é o conceito de ‘alimentação sazonal’”, explica Wong Lai Wan. Tal é visto como mais sustentável para o planeta, mas também para o organismo, seguindo os ciclos normais da natureza.

O conceito encontra eco nas lojas de lembranças. “Os nossos produtos, desde doces a biscoitos e todos os outros, são fabricados com ingredientes naturais – a saúde e o bem-estar são a nossa principal preocupação”, sublinha Wong Lai Ut.

O foco na sustentabilidade reflecte-se nas embalagens utilizadas. Em vez de papel ou plástico,

muitos dos produtos da Vegetarian Farm vêm em caixas e latas metálicas. Wong Lai Ut explica que “estes são materiais que podem ser reutilizados repetidamente, de forma a reduzir o desperdício”.

O restaurante Vegetarian Farm é muitas vezes utilizado como plataforma de promoção de uma dieta vegetariana em Macau. O local acolhe com regularidade palestras sobre saúde promovidas em colaboração com associações e grupos locais. “Utilizamos diferentes formas de apresentar o estilo de vida vegetariano ao público”, sintetiza Wong Lai Wan. ◀

INTEGRAÇÃO REGIONAL

Visto de múltiplas entradas

Desde Maio que a nova política de vistos de grupo de múltiplas entradas entre Macau e Hengqin está em vigor, permitindo que visitantes do Interior da China possam entrar e sair da RAEM sem limitações durante um período de sete dias, recorrendo a um mesmo visto. As indústrias dos eventos e turismo são aquelas que mais saem beneficiadas com a medida do Governo Central, aplaudida por diversos representantes daqueles sectores

Texto | Viviana Chan

LOGO após a entrada em vigor, no início de Maio, da nova política de vistos de grupo de múltiplas entradas entre a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e a vizinha ilha de Hengqin, na província de Guangdong, o presidente da Associação dos Sectores de Convenções, Exposições e Turismo de Macau, Alan Ho Hoi Meng, viu o seu volume de trabalho disparar. Com o aumento esperado das interações entre Hengqin e Macau estimuladas pela nova política, houve necessidade de colocar mãos à obra e atravessar a fronteira entre os dois lados com maior frequência.

Alan Ho fala com a Revista Macau pouco depois de ter chegado de mais uma deslocação a Hengqin, onde foi participar num simpósio sobre comércio electrónico transfronteiriço. O responsável partilha com entusiasmo a notícia de que Macau acaba de receber aprovação por parte da Administração-Geral do Desporto da China

© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO



amplia potencial turístico



A primeira excursão a fazer uso do visto de grupo com múltiplas entradas chegou à RAEM a 6 de Maio

para acolher uma competição nacional de basquetebol juvenil em colaboração com Hengqin.

“Será a primeira vez que Macau acolhe este tipo de competição de nível nacional. Isto não só demonstra o apoio do Governo Central a Macau, mas também será um teste para o sector, utilizando o novo tipo de visto para explorar novas possibilidades”, aponta o dirigente associativo.

“Antigamente, para atletas que participavam neste tipo de competição desportiva, a viagem era muito cansativa, pois precisavam de regressar ao Interior da China no próprio dia, devido aos custos do alojamento em Macau. Agora, com este novo tipo de visto, eles podem ficar em Hengqin, aproveitando o alojamento a preços acessíveis, e explorar Macau no dia seguinte”, acrescenta Alan Ho.

Conveniência, diversificação e aprofundamento

O novo tipo de visto, com duração máxima de sete dias, alarga substancialmente os horizontes das empresas de Macau ligadas à organização de eventos, continua o responsável. Não se trata apenas de poder contar com o parque hoteleiro do lado de lá da Ponte de Flor de Lótus para alojar participantes. A nova política abre espaço para que possam ser utilizadas as infra-estruturas de Hengqin para, por exemplo, exposições ou actividades ao ar livre. A este respeito, Alan Ho revela que o sector está já a planear exposições de animais de estimação, campismo e autocaravanas em Hengqin, tópicos que não eram possíveis de abordar no passado, devido às limitações existentes em Macau.

O responsável explica que, de forma geral, a nova política de vistos dá impulso ao sector da organização de eventos a três níveis: conveniência, diversificação e aprofundamento.

A conveniência, nota Alan Ho, significa que tanto os organizadores de eventos como os respectivos participantes gozam agora de maior flexibilidade no planeamento dos seus itinerários, com mais opções de escolha de alojamento e requisitos menos restritivos no que toca ao número mínimo de pessoas necessário

para aceder a um visto de grupo. De acordo com informação oficial, bastam agora duas pessoas para se formar um grupo, o qual pode ir até um máximo de 40 indivíduos. “O requisito mínimo de duas pessoas proporciona grande flexibilidade”, sublinha Alan Ho.

Além disso, o responsável aponta que, no futuro, este tipo de visto poderá ser pedido de forma electrónica, em vez de ser necessário fazê-lo através da submissão, de forma pessoal, de formulários. Aliás, residentes do Interior da China que já tenham obtido uma vez este novo tipo de visto, podem, para pedidos subsequentes, requerê-lo de forma digital, permitindo agilizar o processo.

Em relação à diversificação, a nova política não só alarga amplamente a tipologia de eventos que podem ser organizados por entidades de Macau, como, segundo Alan Ho, maximiza as potencialidades da RAEM no âmbito da estratégia governamental “turismo+”. Esta estratégia visa utilizar o sector turístico como alavanca para o desenvolvimento de outros sectores, com vista à promoção da diversificação económica.

O dirigente associativo dá um exemplo: no contexto da estratégia “turismo+” e fazendo uso da política de vistos de grupo de múltiplas entradas, Macau pode entrar no segmento das viagens estudantis de Verão, bastante populares entre os jovens do Interior da China. No passado, tal era mais difícil devido aos preços praticados pelo sector hoteleiro de Macau durante o Verão. Agora, a situação pode potencialmente mudar, defende Alan Ho.

“Durante a época alta, os hotéis em Macau são bastante caros e não têm capacidade suficiente para acomodar todos os visitantes”, explica o responsável. “Hengqin tem mais de nove mil quartos de hotel, a maioria dos quais são de três e quatro estrelas, que podem acomodar o excesso de procura que Macau não consegue absorver.”

Já no que toca à questão do aprofundamento, Alan Ho menciona que as visitas a bairros característicos de Macau são uma das ofertas populares junto de visitantes que vêm ao território para participar em eventos de carácter profissional, como convenções e exposições. A possibilidade de poderem ficar em Hengqin e visitarem

O parque temático Chimelong Ocean Kingdom é uma das principais atracções turísticas de Hengqin

Destino Hengqin: um mercado de 11 milhões de turistas (e a crescer)

SE UMA parceria com Macau pode beneficiar em muito o sector turístico de Hengqin, o certo é que a ilha vizinha, por si só, é cada vez mais um destino apetecível. No ano passado, o número de turistas que visitaram os principais pontos turísticos da ilha atingiu mais de 11,6 milhões, representando um aumento anual de 341,5 por cento face a 2022, altura em que diversas restrições anti-COVID-19 ainda estavam em vigor.

José Wong Weng Chou, director-assistente da Faculdade de Hospitalidade e Gestão Turística da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, considera que o forte aumento do turismo em Hengqin é resultado da recuperação do turismo no Interior da China após a COVID-19, ao mesmo tempo que, observa, há uma mudança na forma de viajar dos chineses. Em vez de se deslocarem

a destinos distantes, muitas pessoas optam agora por visitar pontos turísticos mais próximos, diz. Em Hengqin, o parque temático Chimelong Ocean Kingdom é uma das infra-estruturas que mais turistas atrai.

Numa entrevista recente, Su Kun, coordenador adjunto da Comissão Executiva da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, destacou que a forte recuperação do turismo na ilha ajuda a consolidar o seu potencial no campo do turismo transfronteiriço. Nas palavras do responsável, a política de visto de grupo de múltiplas entradas tem o potencial de impulsionar Hengqin como uma ilha internacional de lazer e turismo de alto nível, apoiando, ao mesmo tempo, o posicionamento de Macau enquanto centro mundial de turismo e lazer. ▲

Macau de forma flexível pode prolongar significativamente a permanência destes visitantes, considera o responsável. “Os participantes em eventos podem aproveitar a oportunidade para conhecerem melhor Macau, sobretudo a parte mais antiga da cidade”, diz.

Adaptar para expandir: a tarefa das agências de viagens

Segundo o presidente da Associação de Indústria Turística de Macau, Andy Wu Keng Kuong, o número total de turistas que visitaram Macau no ano passado correspondeu já a cerca de 70 por cento do valor registado em 2019, antes da pandemia da COVID-19. A recuperação continuou a acelerar e, no primeiro trimestre deste ano, o valor já ascendia a aproximadamente 85 por cento, refere o responsável. Andy Wu acrescenta que, com o crescimento estável do turismo em Macau,

juntamente com as várias medidas de facilitação de entrada e saída para visitantes provenientes do Interior da China, é esperado que o número de turistas possa superar os níveis pré-pandemia já na segunda metade deste ano.

Para aproveitar as oportunidades disponibilizadas pela nova política de vistos, as associações de viagens locais precisam, porém, de se adaptar, refere o dirigente associativo. Andy Wu nota que as excursões tradicionais do Interior da China para Macau eram já um mercado em quebra, face ao aumento da proporção de turistas com visto individual. Daí que a nova política de vistos de grupo com múltiplas entradas agora introduzida seja considerada um “sinal positivo” para o sector das agências de viagens.

“No passado, muitos turistas que vinham a Macau talvez só ficassem uma noite ou fizessem uma viagem de ida e volta no mesmo dia”, afirma Andy Wu. “Mas



O novo tipo de visto oferece aos grupos provenientes do Interior da China múltiplas entradas Hengqin-Macau durante um máximo de sete dias

com a implementação desta política, acredito que a frequência de visitas a Macau irá aumentar, promovendo o desenvolvimento dos negócios das agências de viagens.

Com a política de múltiplas entradas em grupo, os turistas podem pernoitar em Hengqin, “usufruindo das suas instalações de entretenimento, e depois voltar a Macau para continuar a sua visita”, diz o dirigente associativo. “Desta forma, não será necessário fazer tudo à pressa, o que anteriormente reduzia o número de atracções que os turistas conseguiam visitar em Macau, e os seus itinerários podem tornar-se mais flexíveis”, prevê.

Tal verificou-se logo com a primeira excursão a fazer uso do visto de grupo com múltiplas entradas, que



“As agências de viagens de Macau podem expandir os seus negócios para Hengqin, oferecendo um serviço ‘one-stop’ e promovendo ainda de forma mais aprofundada o conceito de ‘uma viagem, múltiplos destinos’”

ANDY WU
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE
INDÚSTRIA TURÍSTICA DE MACAU

chegou à RAEM a 6 de Maio. O seu itinerário, de três dias e duas noites, incluiu várias atracções em Macau e Hengqin, e uma noite em hotel em cada um dos lados.

Andy Wu aplaude o “grande apoio” dado pelas autoridades de Hengqin às agências de viagens de Macau, nomeadamente no que toca ao estabelecimento de representações na ilha. O responsável destaca as barreiras de entrada “mais baixas” e os incentivos disponibilizados. “Portanto, as agências de viagens de Macau podem expandir os seus negócios para Hengqin, oferecendo um serviço ‘one-stop’ e promovendo ainda de forma mais aprofundada o conceito de ‘uma viagem, múltiplos destinos’”, diz.

Pelas contas do responsável, actualmente, já só cerca de um terço dos grupos turísticos que visitam Macau opta por pernoitar na cidade. Daí que o responsável não espere que a nova política de vistos de grupo de múltiplas entradas se traduza, a longo prazo, num impacto negativo ao nível das taxas de ocupação hoteleira da RAEM.

A sua opinião está em linha com aquela partilhada pela responsável máxima da Direcção dos Serviços de Turismo (DST) do território. De acordo com Helena de Senna Fernandes (entrevistada nesta edição da Revista Macau), o sector hoteleiro local regista actualmente taxas médias de ocupação satisfatórias – a rondar os 85 por cento, segundo dados do primeiro trimestre. No que toca, em particular, aos estabelecimentos de baixo custo ou de duas estrelas, nomeadamente aqueles abertos nos últimos anos, estes destacam-se pela sua competitividade e características próprias, defende Senna Fernandes.

Segundo um comunicado da DST, a nova política de vistos de grupo de múltiplas entradas “permitirá alargar o mercado de visitantes do Interior da China para Macau e Hengqin” e “beneficiar os negócios das agências de viagens e a actividade dos guias turísticos dos dois lados”, bem como “acelerar o desenvolvimento integrado entre a Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin e a indústria do turismo de Macau”. De acordo com o organismo, as múltiplas entradas “possibilitam excursões mais

aprofundadas a Macau, injectando uma nova dinâmica no turismo e economia, que contribuirá para a promoção do desenvolvimento da diversificação adequada da economia”.

De resto, para aproveitar as vantagens da nova política, a Direcção dos Serviços de Turismo garante que “está a incentivar a indústria turística a ligar eficazmente os recursos de Macau e Hengqin” e a “explorar e promover itinerários característicos”, de forma a “aproveitar cabalmente o mercado das excursões conjuntas e continuar a expandir as fontes de visitantes”.

Um novo ecossistema turístico

A criação dos vistos de grupo de múltiplas entradas para Macau é vista como uma medida positiva por diversos observadores. O académico José Wong Weng Chou, director-assistente da Faculdade de Hospitalidade e Gestão Turística da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, diz que será um catalisador no âmbito da mudança a longo prazo do ecossistema turístico de Macau.

“Tradicionalmente, o itinerário das excursões concentra-se na península de Macau. Com este novo visto, que conecta Macau com as atrações turísticas de Hengqin, o fluxo de turistas poderá ser mais equilibrado dentro do território”, diz José Wong.

Além disso, o académico aponta ao número limitado de hotéis em Macau de duas ou três estrelas, especialmente unidades cobrando menos de 500 patacas por noite.

“Aproveitar edifícios comerciais disponíveis em Hengqin pode suprir essa carência”, indica. Tal é uma referência a uma medida anunciada recentemente pelas autoridades de Hengqin permitindo a conversão de propriedades de escritórios comerciais em hotéis.

O académico prevê que algumas agências de viagens de Macau optem por escolher Hengqin como local de eleição para alojar turistas. Nesse sentido, advoga, esta será uma diferença entre os turistas do Interior da China que visitam Macau com recurso a visto individual e aqueles que o fazem em grupo com visto de



© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

múltiplas entradas. Os turistas com visto individual, à procura de uma experiência diferenciadora, continuarão, provavelmente, a querer ficar hospedados num dos hotéis de cinco estrelas de Macau, ao passo que os visitantes com orçamentos mais limitados terão a possibilidade de pernoitar numa das unidades hoteleiras em Hengqin.

Ao visto de múltiplas entradas para Macau surge associado o conceito de viagem multidestinos. José Wong sugere que a indústria turística se foque na concepção de pacotes turísticos que combinem, de forma atractiva, elementos de Macau e Hengqin num único roteiro. Associado a isso, o sector deve fazer uma forte aposta em promoções e marketing, de forma a criar um mercado – que ainda está em fase emergente – para esse tipo de produto.

“Na realidade, a maioria dos turistas não está muito familiarizada com as políticas de vistos e as políticas de



A Direcção dos Serviços de Turismo diz que a nova política de vistos “permitirá alargar o mercado de visitantes do Interior da China para Macau e Hengqin”



“ O desenvolvimento de características próprias pode consolidar o valor turístico dos itinerários Hengqin-Macau

JOSÉ WONG
DIRECTOR-ASSISTENTE DA FACULDADE
DE HOSPITALIDADE E GESTÃO TURÍSTICA
DA UNIVERSIDADE DE CIÊNCIA
E TECNOLOGIA DE MACAU

passagem nas fronteiras”, nota o académico. “Por isso, as promoções devem dar a conhecer o conceito de que uma viagem a Macau pode ser associada a Hengqin.”

No contexto de maior liberdade de circulação proporcionada pelo visto de grupo de múltiplas entradas, o aprofundamento da cooperação e integração regional pode ser elevado a um novo nível. O docente considera que existe potencial em várias áreas, tanto na partilha de instalações para organização de eventos, como nos serviços de restauração para os turistas em grupo.

Na opinião de José Wong, a indústria turística ainda está numa fase de exploração no que toca às potencialidades abertas pela nova política. “A longo prazo, as viagens multidestinos entre Macau e Hengqin devem incluir factores diferenciadores para se distinguirem das excursões tradicionais que visitam apenas Macau”, refere o académico.



Pacote de benefícios para facilitar visitas a Macau

A NUNCIADOS pelo Governo Central no final de Abril, os vistos de grupo de múltiplas entradas entre Macau e Hengqin não vieram sozinhos. Foram reveladas na altura várias outras medidas para facilitar as visitas de residentes do Interior da China a Macau. Todas entraram em vigor a 6 de Maio.

Além do visto de múltiplas entradas, o período de permanência para titulares de visto de negócios para Hong Kong e Macau foi estendido de sete para 14 dias. Foi também introduzido um novo visto de categoria “outros motivos” para residentes do Interior da China, permitindo, por exemplo, que pessoas que participem em determinadas actividades em Macau, como

exposições ou consultas médicas, possam ter acesso a múltiplas entradas.

Além disso, os residentes do Interior da China podem agora solicitar um visto de negócios para Hong Kong e Macau em qualquer balcão de migração das autoridades de segurança pública em qualquer local do Interior da China e obtê-lo imediatamente, através do recurso a máquinas inteligentes.

Na altura da sua apresentação, as medidas foram explicadas como visando facilitar as trocas comerciais entre o Interior da China e Macau, promover o desenvolvimento coordenado entre as regiões e estimular uma cooperação económica e comercial mutuamente benéfica. ▲



O novo tipo de visto pretende promover uma maior integração a nível turístico entre Macau e Hengqin

“Actualmente, os alojamentos mais económicos em Hengqin são uma das vantagens, mas se não encontrarmos mais valor para este tipo de excursões multidesitinos, a situação não será a melhor”, acrescenta. “O desenvolvimento de características próprias pode consolidar o valor turístico dos itinerários.”

Novas oportunidades para guias

À Revista Macau, Ng Iong Wai, presidente da Associação de Promoção de Guia Turismo de Macau, considera que a criação do visto de grupo de múltiplas entradas oferece novas oportunidades ao sector do turismo, especialmente aos guias turísticos. “Hengqin, com uma área três vezes maior que Macau, mas com uma população pequena, poderá beneficiar da permanência dos turistas, impulsionando o desenvolvimento da ilha, que foi designada como um suporte para Macau diversificar a sua economia”, afirma.

Actualmente, entre 500 e 600 guias turísticos de Macau já obtiveram qualificações para exercer a profissão em Hengqin, estima o responsável. O mecanismo de credenciação dos guias turísticos foi lançado durante a altura da pandemia da COVID-19, numa iniciativa então destinada a alargar o campo de exercício da profissão.

Ng Iong Wai acredita que Hengqin e Macau estão a abrir um novo capítulo no seu relacionamento com as excursões de múltiplas entradas. “O visto de múltiplas entradas entre Macau e Hengqin é atractivo”, afirma.

O responsável também destaca que a medida viabiliza o conceito de uma viagem multidesitinos. “Em Macau, tem-se falado sobre o tipo de turista que faz múltiplas paragens numa só viagem. Com esta nova política, Macau pode finalmente colocar em prática esta ideia, estendendo até Hengqin excursões que tradicionalmente incluíam só Hong Kong e Macau.”

TURISMO

Novas ofertas e um destino por (re)descobrir

O número de turistas que visitam Macau continua a crescer e há ainda muitas oportunidades por explorar, diz a responsável máxima da Direcção dos Serviços de Turismo (DST), **Maria Helena de Senna Fernandes**. Em entrevista à Revista Macau, a directora garante que Macau está a trabalhar com vários parceiros para diversificar a oferta e tornar a cidade num destino preferencial a nível regional e internacional

Texto | Tiago Azevedo

Fotografia | António Sanmarful

Desde 2023, Macau tem registado uma rápida recuperação no número de visitantes. Considera este crescimento um reflexo das iniciativas que têm sido levadas a cabo pelo Governo e agentes do sector do turismo?

Mesmo durante o período da pandemia, tivemos a oportunidade de reabrir o sector do turismo com o Interior da China. Embora o número de visitantes fosse reduzido, deu-nos a oportunidade de fazer alguma promoção e algum trabalho naquele mercado. Por causa disso, tivemos a possibilidade de acumular bastante experiência e, depois da reabertura [das fronteiras] no ano passado, pudemos usufruir dessa experiência e das promoções efectuadas para, rapidamente, captar um grande número de visitantes oriundos do Interior da China e de Hong Kong.

No ano passado, já atraímos 28 milhões de visitantes, a maioria deles da Grande China, isto é, do Interior da China, Hong Kong e Taiwan. Este ano, os nossos olhos agora estão virados para os mercados internacionais, porque é importante. Depois de um ano de planeamento em termos de promoções, este ano estamos virados para o exterior. Durante os últimos meses, tivemos actividades promocionais no Japão, em Singapura, na Indonésia, na Coreia do Sul e na Tailândia, seguindo-se a Malásia em Julho.

Este ano, temos dois objectivos: alcançar 33 milhões de visitantes até ao final do ano; e, em termos de visitantes internacionais, queremos ultrapassar os 2 milhões. Em 2025, o nosso alvo será 3 milhões de turistas internacionais, recuperando para os números que tínhamos antes da pandemia. No que toca aos



“ Em 2025, o nosso alvo será 3 milhões de turistas internacionais, recuperando para os números que tínhamos antes da pandemia

visitantes internacionais, há ainda muito trabalho a fazer e temos de incentivar a indústria para trabalhar em conjunto para atingir os nossos objectivos.

Quais os mercados, para além da Grande China, que deverão registar uma recuperação mais rápida em termos de volume de visitantes?

Desde a reabertura de Macau ao turismo internacional, no ano passado, temos realizado bastantes actividades, tanto *online* como presenciais. Há alguns mercados que estão a recuperar melhor, por exemplo, as Filipinas e a Indonésia. Mas há outros países dos quais recebíamos mais visitantes, por exemplo, o Japão, que estão a recuperar mais lentamente. Felizmente, a Coreia do Sul já ultrapassou os outros mercados para se tornar no principal mercado internacional de Macau. Mesmo

assim, ainda está apenas a cerca de 50 por cento [do volume de visitantes], comparando com 2019. Por isso, há ainda muito trabalho por fazer, incluindo aumentar o número de voos directos para a Coreia do Sul.

Neste momento, ainda estamos muito abaixo em termos de voos directos para a Coreia do Sul, comparando com o período antes da pandemia. Mas há boas notícias, como o facto de a Korean Air ter lançado voos diários para Macau.

O facto de Macau acolher também mais espetáculos de artistas coreanos ajuda na promoção, permitindo atrair consumidores da Coreia do Sul, como também de outros países, pois os artistas coreanos têm uma grande influência a nível internacional.

Estamos também a trabalhar muito estreitamente com Hong Kong para alargar a oferta em termos de

ligações a Macau, tanto através das ligações marítimas, como através da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau.

Que outras iniciativas estão a ser planeadas para atrair um volume ainda maior de turistas internacionais?

Este ano, celebra-se o 25.º aniversário da Região Administrativa Especial de Macau e nós temos usado esta grande celebração como uma maneira de captar mais visitantes internacionais. Lançámos uma campanha com 250 mil ofertas para visitantes internacionais, entre as quais temos bilhetes de avião com descontos, em parceria com várias companhias aéreas que voam directamente para Macau, mas também com a Cathay Pacific, para Hong Kong.

Além disso, temos também oferecido bilhetes gratuitos de autocarro do Aeroporto Internacional de Hong Kong directamente para Macau, para pessoas que têm passaporte internacional e que aterram em Hong Kong, bem como para visitantes internacionais que já se encontram em Hong Kong.

Neste momento, há muitas outras ofertas que estamos a fazer para os visitantes internacionais, porque, de facto, achamos que é muito importante começar a trabalhar nos mercados internacionais para além da Ásia.

Estamos a fazer outras colaborações com agentes noutros mercados de longo curso, sobretudo na Europa. Temos um grande parceiro que é a Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo (APAVT), que, em 2025, irá realizar o seu congresso nacional em



A Direcção dos Serviços de Turismo realizou recentemente uma acção de promoção na Tailândia

Macau. Além disso, estamos também a trabalhar em conjunto com a APAVT para termos uma presença na Bolsa de Turismo de Lisboa e na FITUR, em Madrid.

Para o próximo ano, Macau foi designada como “Destino Preferido” da Confederação Europeia das Associações de Agências de Viagens e Operadores Turísticos e iremos acolher a cimeira desta organização. Será uma reunião com 60 a 70 pessoas, mas que representam cerca de 80 mil agências de viagens da Europa.

Como pode o conceito de viagens multidestinos – abrangendo Macau e outras cidades vizinhas da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau – ajudar a atrair mais turistas?

Desde que o conceito da Grande Baía foi constituído, em 2019, que estamos a trabalhar em conjunto com os nossos parceiros de Guangdong. Infelizmente, parte do trabalho foi suspenso durante os três anos da pandemia, mas depois da reabertura começámos a trabalhar muito estreitamente com Hong Kong e também com Cantão sobre este assunto. No ano passado, estivemos na Tailândia em conjunto para lançar uma campanha promocional e também lançámos dez sugestões de roteiros para dar a conhecer a região aos consumidores. Acho que daqui para a frente vamos fazer mais promoções em conjunto com os nossos parceiros, porque é importante que o mundo também fique a conhecer a Grande Baía, para que possamos atrair mais pessoas para viagens multidestinos.

Mas para além de trabalhar nos mercados internacionais, também temos de trabalhar no mercado do Interior da China, porque há muitas pessoas, sobretudo [em destinos de] médio e longo curso no Interior da China, que não conhecem muito bem a Grande Baía. Portanto, há muitas possibilidades para criar itinerários multidestinos virados para os consumidores na China. Este ano, já tivemos bastantes boas notícias, como as dez cidades que foram adicionadas à política de vistos individuais para Macau, bem como a nova possibilidade de viajar entre o Interior da China e Macau no período de sete dias [com vistos de múltiplas entradas para excursões entre Macau e Hengqin]. São

novas oportunidades e temos de planear com mais criatividade para atrair mais visitantes.

O que está a ser planeado para tirar o melhor proveito da expansão destas políticas de apoio a Macau?

Estamos a trabalhar em conjunto com outros departamentos governamentais e também com o sector privado. Já estamos a planear uma “Semana de Macau” em Xi’an, que é uma das novas cidades incluídas na política de vistos individuais para Macau, a ser realizada em Agosto deste ano. O aeroporto está a trabalhar muito estreitamente com uma companhia aérea para lançar voos directos entre Xi’an e Macau, mas ainda temos de trabalhar em conjunto com Hong Kong, que também tem esta política de vistos individuais, para lançar mais voos para as cidades do Interior da China. Podemos trabalhar em conjunto também com Cantão para atrair pessoas destas cidades agora abrangidas pelos vistos individuais para Macau.

Acho que há muitas possibilidades para explorar, mas estamos a trabalhar em muitas frentes ao mesmo tempo e estas actividades têm de ser feitas passo a passo. Já lançámos campanhas promocionais para as novas cidades, *online* e através de promoções locais. Daqui para a frente, vamos também fazer algo junto do sector das agências de viagens dessas cidades, que, eventualmente, não conhecem muito bem Macau e não tiveram ainda a possibilidade de trabalhar muito estreitamente com a nossa indústria. Este terá de ser o primeiro passo antes de fazer grandes campanhas junto dos consumidores locais.

Macau tem atraído mais turistas e tem procurado alargar as fontes de visitantes. O que tem sido feito em termos de alojamento para acompanhar este crescimento e assegurar uma oferta mais diversificada em termos de hotéis e preços?

A nova lei sobre a indústria hoteleira, que entrou em vigor em 2022, foi uma boa forma de facilitar o licenciamento de novos hotéis, especialmente no que toca a estabelecimentos de baixo custo ou alojamento económico, mas que tenham qualidade. Vamos continuar



Os visitantes gostam de Macau, porque a cidade oferece um bom serviço, em termos de oferta turística e hospitalidade

a incentivar mais investimento em novas categorias de hotéis em Macau. Por outro lado, também estamos a incentivar as pessoas a optarem por alojamento no centro, porque cria mais possibilidades para explorarem a cidade. Vamos continuar a trabalhar em conjunto com a indústria para que os consumidores tenham maior acesso a informações sobre a oferta mais diversificada em termos de alojamento em Macau.

Está à frente da DST há vários anos, um período marcado pela pandemia, mas também por uma mudança nos comportamentos e preferências dos consumidores. Como vê a mudança de perfil do turista em Macau?

Durante a pandemia, já pudemos observar uma certa mudança em termos do tipo de turistas que estão a vir a Macau, especialmente no que toca às excursões. Actualmente, as pessoas ainda viajam em grupo, mas são grupos mais pequenos ou famílias. No ano passado, por exemplo, recebemos cerca de 1,2 milhões de pessoas que vieram a Macau em excursões, comparando com 8 milhões em 2019. Há, efectivamente, uma grande tendência para grupos mais pequenos, que querem serviços mais personalizados e que tenham em consideração as suas preferências.

Nesse sentido, a indústria de Macau tem de oferecer um serviço mais personalizado, temos de passar mais informações aos consumidores, para que eles possam também conhecer melhor a nossa oferta e possam fazer as suas escolhas.

Em termos de promoções *online*, estamos a trabalhar em inúmeras redes sociais para promover Macau como destino turístico, utilizando plataformas internacionais, mas, também, plataformas viradas especificamente para alguns mercados, como a Coreia do Sul, Japão ou Tailândia.

É muito difícil trabalhar em tantas plataformas, porque temos de criar muito conteúdo – em diferentes línguas – que tem de ser relevante para os diferentes consumidores. Hoje em dia, a forma como se faz a promoção é muito diferente do passado e temos que tirar o melhor proveito de todos estes métodos de comunicação.

A DST tem promovido Macau como um centro de lazer e entretenimento, um destino cultural e gastronómico. Como fazem uso dessas valências para garantir que os turistas visitam Macau mais do que uma vez?

Temos consciência de que Macau é um destino pequeno, mas é um destino onde as pessoas se sentem bem e querem voltar. Naturalmente, temos de criar conteúdo ou eventos para que as pessoas regressem a Macau, seja para participar num evento ou para um concerto. É essencial termos novidades nas várias áreas, seja em termos de convenções e exposições, concertos ou desporto, ou outras.

Falou na meta de 33 milhões de turistas para este ano, o que representaria cerca de 85 por cento de 2019. Considera que este crescimento pode criar alguns constrangimentos à qualidade dos serviços que a indústria de Macau oferece?

Penso que não. Temos sempre de continuar a elevar a qualidade do nosso serviço. Os visitantes gostam de Macau, porque a cidade oferece um bom serviço, em termos de oferta turística e hospitalidade. Para isso, acho que, para além dos produtos, temos sempre de apostar nas pessoas. Não só nas pessoas que trabalham na indústria, mas também na restante população, com quem os visitantes interagem quando cá estão.

No ano passado, lançámos a nossa “Campanha de Cortesia”, virada para toda a população de Macau. Achamos que é importante que as pessoas fiquem a saber que Macau gosta dos seus turistas. Embora a cidade seja pequena e, por vezes, haja alguns constrangimentos, a nossa hospitalidade é elevada e recebemos bem os turistas.

Também queremos que os turistas explorem os diferentes bairros de Macau durante a estadia na cidade e, nesse sentido, estamos a trabalhar muito mais em conjunto com as diferentes comunidades nos vários bairros de Macau.

Há muito trabalho aqui por fazer e vamos trabalhar em conjunto – e de forma mais estreita – com os bairros comunitários, porque há também várias oportunidades a explorar. ◀

VER VÍDEO AQUI ▶



PORTUGAL

EM MACAU, COM OS OLHOS POSTOS NA LUSOFONIA

Portugal está disponível para explorar oportunidades de cooperação triangular com a China nos países de língua portuguesa, afirma **Márcia Guerreiro**. A delegada de Portugal junto do Secretariado Permanente do Fórum de Macau diz que as competências averbadas pelas empresas portuguesas na área da gestão de infra-estruturas podem ser uma mais-valia para eventuais parceiros chineses. A economia do mar é outra das áreas de interesse comum

Texto | Marco Carvalho

Um palco propício ao desenvolvimento de sinergias e um importante complemento a relações bilaterais com tanto de sólido, como de secular. No âmbito da dinâmica do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) – também conhecido como Fórum de Macau –, Portugal projecta interesses muito próprios – e muito diferenciados – na plataforma multilateral com sede em Macau.

Cinco séculos de convivência cultural, económica, social e política contribuíram para que a presença do vinho, do azeite e de uma vasta gama de outros produtos portugueses nos supermercados do território se tornasse ubíqua. A concretização de muitas das metas comerciais a que se propõem as demais nações lusófonas permite que as autoridades de Lisboa direccionem os seus interesses e expectativas junto do Fórum de Macau para outros horizontes, nomeadamente para

a cooperação com empresas chinesas tendo em vista o desenvolvimento de projectos em países terceiros, explica Márcia Guerreiro, delegada de Portugal junto do Secretariado Permanente do Fórum de Macau.

“Os interesses de Portugal no Fórum de Macau passam, sobretudo, pela ampliação das oportunidades de negócio para as empresas portuguesas na China, mas também pela triangulação com empresas chinesas para investir nos países lusófonos”, afirma Márcia Guerreiro.

“Portugal tem grandes competências na área da gestão de infra-estruturas. Podemos, nesse domínio, ser um grande parceiro para a China, tanto em termos de conhecimento, como de implementação, tendo em vista o desenvolvimento de infra-estruturas nos países lusófonos”, adianta a responsável. “Conhecemos bem a realidade desses países e essa é a nossa grande vantagem no que toca à possibilidade de investimentos



conjuntos. São estas competências que estamos a tentar promover junto dos responsáveis da parte chinesa, para que consigamos fazer mais. Já existem alguns projectos, mas não são tantos como gostaríamos”, complementa.

Com uma economia competitiva e cada vez mais internacionalizada, Portugal é o único país participante do Fórum de Macau situado no continente europeu, circunstância que, no entender de Márcia Guerreiro, se prefigura como uma mais-valia, tanto para a China, como para os demais países participantes da organização.

NOVOS HORIZONTES

Mas uma localização geográfica privilegiada e um conhecimento consolidado no domínio da gestão de projectos de infra-estruturas não são os únicos trunfos que

Portugal atrai para o tabuleiro diplomático do Fórum de Macau. A economia do mar é uma das áreas de interesse comum que Lisboa partilha com Pequim e um dos domínios que Portugal gostava de ver potenciado no contexto da cooperação sino-lusófona.

“A economia do mar é um dos grandes sectores que nós também queremos dinamizar. É uma das áreas em que a China tem muito interesse, até porque Portugal e a China assinaram uma ‘parceria azul’ há alguns anos”, sustenta Márcia Guerreiro.

“Queremos incentivar as empresas a investirem nessa área e a trabalharem conjuntamente em domínios que não dizem, necessariamente, respeito ao intercâmbio comercial, mas à área científica, da investigação e do desenvolvimento de produtos”, acrescenta a delegada de Portugal. “A economia do mar é uma área central para Portugal, bem como o desenvolvimento verde e a sustentabilidade.”

Lisboa e Pequim assinaram, em Novembro de 2017, um memorando de entendimento tendo em vista a exploração das “potencialidades de sinergia económica, científica, comercial e de inovação entre a economia do mar e a Nova Rota Marítima da Seda”. O acordo previa a valorização dos portos lusos e a dinamização dos negócios do mar à boleia do impulso dado pela República Popular da China à globalização económica ao abrigo da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.

“Portugal faz parte da Faixa e Rota. Assinámos o documento com a China e era uma vantagem podermos fazer parte deste projecto, sermos a porta de entrada da China na Europa. De um mesmo modo, seria importante atrair empresas chinesas para desenvolver, em conjunto, a área dos portos e da logística internacional”, ressalva Márcia Guerreiro.

Para as autoridades de Lisboa, a presença no Fórum de Macau constitui uma oportunidade incontornável para o reforço da internacionalização da economia portuguesa. A plataforma multilateral abre as portas a inúmeras possibilidades de entendimento e acena com um enorme potencial de crescimento quer para eventuais investidores chineses, quer para as empresas dos parceiros lusófonos, mas há ainda “terreno para desbravar”. Esta foi a mensagem que o ministro da Economia do Governo português, Pedro Reis, trouxe à 6.ª Conferência Ministerial do Fórum de Macau, realizada no final de Abril.

AGILIZAR A COOPERAÇÃO

Márcia Guerreiro partilha a posição e defende uma maior agilização do funcionamento do Fórum de Macau, nomeadamente através de uma participação mais activa das agências de comércio e investimento dos países lusófonos e de uma maior atenção às pequenas e médias empresas que constituem o cerne do tecido empresarial da maior parte dos países membros.

“Há que agilizar aqui o funcionamento, para que possamos ver um maior número de propostas ser implementado. Nesse sentido, gostávamos de ver incluídas na dinâmica do Fórum de Macau não só as

instituições locais, mas também instituições dos países de língua portuguesa que estejam direccionadas para o apoio ao comércio e às empresas e também à importação e exportação. Queremos envolver essas entidades em cada um dos países, para que se possa divulgar com maior eficácia aquilo que o Fórum de Macau pode potenciar”, salienta a delegada de Portugal.

“Gostávamos ainda de ver criados novos mecanismos para ajudar as pequenas e médias empresas, porque esse é o grande foco e são essas empresas que constituem a maior parte do tecido empresarial dos países participantes do Fórum de Macau e Portugal não é excepção. São essas as empresas que necessitam de apoio e que, muitas vezes, não conhecem os mecanismos em Macau, nem o apoio que está disponível”, acrescenta a responsável.



Gostávamos de ver criados novos mecanismos para ajudar as pequenas e médias empresas

MÁRCIA GUERREIRO
DELEGADA DE PORTUGAL
JUNTO DO FÓRUM DE MACAU



A economia azul é uma das áreas em que Portugal pode aprofundar a cooperação com a China e os outros países lusófonos

Flexibilizar é, para Márcia Guerreiro, um conceito central no âmbito da revitalização das relações sino-lusófonas e da consolidação do Fórum de Macau. O organismo facilitou a expansão e o aprofundamento da cooperação ao longo dos últimos 21 anos, com resultados notáveis nos domínios do comércio, do investimento, do intercâmbio cultural e da formação de recursos humanos, mas Portugal quer mecanismos de cooperação ainda mais robustos e profundos, para que os objectivos que nortearam a constituição do organismo, em 2003, se possam cumprir plenamente.

“Queremos dinamizar e flexibilizar os apoios financeiros que existem. Esse é um dos desígnios que gostávamos de ver cumpridos. Existe o Fundo de Cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa, mas é um fundo a que é, muitas vezes, um

bocadinho difícil de aceder, sobretudo para as nossas empresas”, defende a representante de Portugal, que vê com bons olhos a intenção – manifestada durante a última Conferência Ministerial do Fórum de Macau – de flexibilizar o acesso ao Fundo, para que seja mais fácil empresas de menor dimensão concorrerem com os seus projectos.

Aprovado no final de Abril, o novo plano de acção do Fórum de Macau procura responder a alguns dos anseios de Portugal e dos restantes países lusófonos. Abrangente, o documento propõe elevar a cooperação entre as partes em domínios como o intercâmbio intergovernamental, o comércio e o investimento, a tecnologia, a conservação ambiental e a economia azul, a economia digital ou o fomento das pequenas e médias empresas. ◀

VER VÍDEO AQUI ▶





LITERATURA

A Gruta de Camões: história e memória

Mito ou realidade, a Gruta de Camões tem um lugar especial no imaginário literário mundial como local onde o poeta português Luís Vaz de Camões terá escrito parte do seu poema épico “Os Lusíadas”. No ano em que se comemoram cinco séculos sobre o nascimento do escritor, a Revista Macau foi à descoberta das primeiras referências históricas sobre a Gruta de Camões após a passagem do poeta por Macau

Texto | João F. O. Botas*

EM 2024, celebram-se os 500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões (1524-1580). O poeta português, autor da epopeia “Os Lusíadas”, obra maior da literatura lusófona, terá vivido em Macau por alguns anos, em meados do século XVI.

Face à popularidade internacional da sua obra, o nome de Camões tornou-se, nos séculos subsequentes, num dos símbolos recorrentes do território em relatos de viajantes estrangeiros. Para tal, contribuiu em muito a Gruta de Camões – localizada no que é actualmente o Jardim de Luís de Camões –, na qual, conta a mitologia camoniana, o poeta terá escrito parte d’ “Os Lusíadas”. O local surge em textos e desenhos publicados por ocidentais que passam por Macau, particularmente durante o século XVIII, com designações em inglês como “Camoens Cave”, “Camoens Grotto” e “Cave of Camoens”, ou, em francês, “Grotte du Camoens”.

Uma das mais antigas referências documentais ao nome de Camões em Macau surge num inventário dos

bens do Colégio de S. Paulo relativo aos anos de 1632 a 1636, quando era reitor o padre António Francisco Cardim (1596-1659). Aí, alude-se à existência dos “penedos de Camões”, localizados num terreno propriedade da Companhia de Jesus, perto do Colégio de S. Paulo e da Igreja Mater Dei – edifício cujos vestígios são hoje conhecidos como as Ruínas de S. Paulo. Os penedos, designação comum na altura para grandes rochedos, são identificados no inventário como ficando numa colina na parte norte da península de Macau, com vista sobre o Porto Interior e sobre o Patane, uma das primeiras povoações da cidade, habitada por uma comunidade de ascendência chinesa.

A obra maior

Publicado em 1572, o poema épico “Os Lusíadas” depressa se tornou conhecido a nível mundial, com múltiplas traduções. Não admira por isso que os viajantes

estrangeiros que rumavam à China no século XVIII, na escala obrigatória que faziam em Macau, procurassem “marcas” da presença de Camões no território. Alguns dos relatos dessas viagens seriam imortalizados em livros que incluem as primeiras descrições ocidentais – em textos e ilustrações – da Gruta de Camões.

Integrado na terceira e última expedição ao Pacífico do capitão britânico James Cook (1728-1779) ao serviço de Inglaterra, o pintor inglês John Webber (1752-1793) esteve em Macau de 1 de Dezembro de 1779 a 13 de Janeiro de 1780, onde desenha “View in Macao, including the residence Camoens, when he wrote his *Lusiad*”. É uma panorâmica geral onde não aparece a gruta, mas, no relato oficial da expedição, o local é descrito como um “grande arco, de pedra sólida, formando a entrada de uma gruta escavada no terreno atrás”, sendo que “a rocha é ofuscada por grandes árvores e oferece uma ampla e magnífica vista sobre o mar e as ilhas em redor”.

Casa da Horta

Por esta altura, já tinha sido construído na propriedade onde a gruta está localizada um edifício residencial – remonta a 1770 –, mencionado pelo viajante Samuel Shaw (1754-1794) como “uma elegante casa com jardins, bastante extensos e criteriosamente dispostos, proporcionando um paraíso terrestre”. Shaw chegou à costa do Sul da China pela primeira vez em 1784, sendo eventualmente nomeado como primeiro representante diplomático dos Estados Unidos no Império do Meio, onde passou largas temporadas.

Nesta época, a Companhia Inglesa das Índias Orientais desempenha um papel crucial no comércio entre a China e o exterior. As proibições impostas pelas autoridades chinesas à presença permanente de estrangeiros em Cantão (actual Guangzhou, na província de Guangdong), onde eram efectuadas as trocas comerciais, faz com que os ingleses arrendem em Macau vários espaços. Na zona da Praia Grande, ocupam alguns edifícios para guardar mercadorias e para os marinheiros dormirem, enquanto um pequeno grupo

de altos funcionários fixa residência no que passa a ser denominada como “Casa da Horta” ou “Casa Garden”, devido à envolvente paisagística – o tal edifício que Samuel Shaw havia descrito.

É aí que fica hospedado George Macartney (1737-1806), líder da primeira missão diplomática inglesa à China, ordenada em 1792. Politicamente, a expedição foi um fracasso, mas de uma riqueza sem paralelo até então em termos de informação recolhida. Os múltiplos relatos publicados (e as traduções em várias línguas) originaram uma das maiores divulgações da imagem da China no Ocidente. E também de Macau.

Num relatório oficial da missão, pode ler-se: “A maioria dos elementos da embaixada está alojada na feitoria inglesa. O meu alojamento fica numa casa na parte alta da cidade, arrendada pelo Sr. Drummond, que teve a gentileza de a ceder durante sua ausência. Tem uma esplêndida localização, tendo ao lado um jardim romântico de dimensões consideráveis. A tradição local diz que foi antigamente a habitação do célebre Camões, tendo aqui escrito seus ‘*Os Lusíadas*’”.

Nas expedições ocidentais à China, seguiam habitualmente pintores cuja missão era documentar o sucedido. Integrados na missão de George Macartney, os artistas William Alexander (1767–1816) e William Gomm (1754-1794) produzem inúmeras obras em Macau, sendo que a maioria nunca foi publicada em livro até hoje, estando à guarda de museus britânicos. Gomm elaborou aguarelas e a primeira planta topográfica do Jardim de Camões e Alexander vários desenhos da gruta.

Em Março de 1794, Gomm pinta uma aguarela com a seguinte legenda, numa tradução livre para português: “Vista de um jardim de lazer, em Macau, com um miradouro no topo de uma colina à esquerda e um banco rodeado de árvores e pedras no centro”. O referido miradouro foi construído em 1772, de acordo com o testemunho de Andreas Everardus van Braam Houckgeest (1739-1801), comerciante holandês que fez parte da embaixada à China da Companhia Holandesa das Índias Orientais em 1794-95. O viajante descreve “uma cúpula hexagonal, aberta dos lados, formando



Ilustração da Gruta de Camões pelo britânico Thomas Allom (1804-1872)

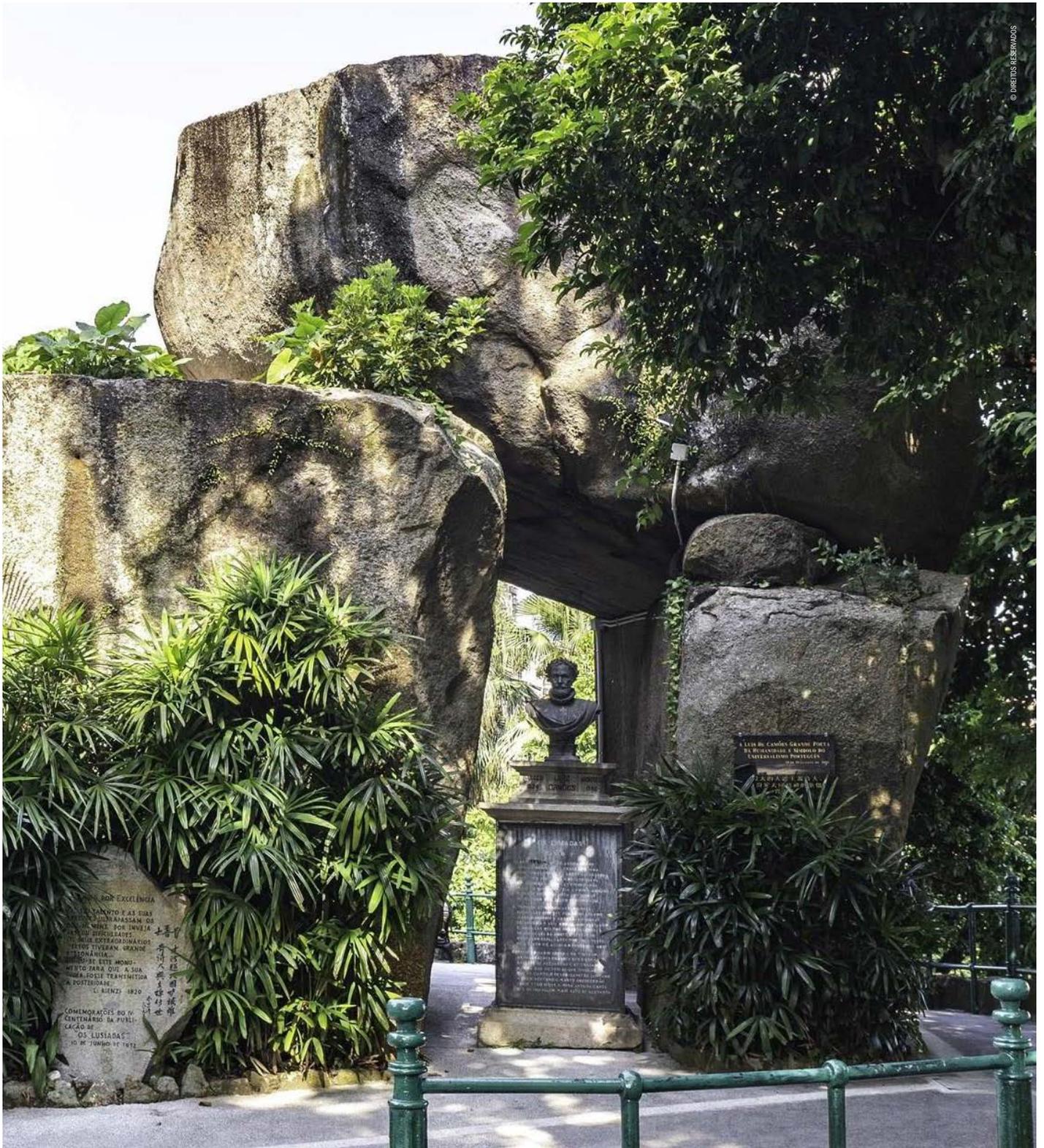
um miradouro, nome justíssimo aos olhos de quem quer que seja e se deixe guiar pelo olhar no vasto horizonte”. Esta cúpula, bem como outros elementos entretanto construídos junto à gruta por volta de 1830 a 1840, seriam destruídos após a compra do espaço em 1885 pelo Governo de Macau, que ali criou o jardim público de Camões.

Imagem icônica de origem misteriosa

Uma das ilustrações mais conhecidas da Gruta de Camões data de meados do século XIX e é da autoria do britânico Thomas Allom (1804-1872), que, curiosamente, nunca esteve em Macau. As suas ilustrações

foram publicadas na obra de 1843 “China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits, of that Ancient Empire”, com texto de George Newenham Wright (1794-1877), um reverendo que também não esteve na China. O livro está entre os que maior divulgação tiveram na época, sendo publicado em Londres e Paris.

Na capa, desvenda-se parte do mistério quando se refere que o conteúdo é “desenhado a partir de esboços originais e autênticos, por Thomas Allom”. No prefácio, menciona-se ainda que um “agradecimento adicional também é devido a Sir George Staunton pela permissão em copiar da sua bela coleção de desenhos chineses de artistas nativos”. Ora, Staunton (1737–1801) foi o



A Gruta de Camões na actualidade

secretário oficial da embaixada de Macartney à China de que também fazia parte William Alexander. Uma das imagens que este produziu da Gruta de Camões é muito semelhante à de Allom, confirmando-se assim parte da explicação. No entanto, o mistério adensa-se quando o próprio Alexander admite na legenda manuscrita do seu desenho que o elaborou “a partir de um desenho chinês”.

Qual seria então o original? Uma primeira pista está num artigo intitulado “A Description of the Grotto of Camoens at Macao on the Coast of China with a View By Eyles Irwin”, datado de 1793 e que inclui uma ilustração semelhante às de Allom e Alexander. Foi publicado em 1797 na obra “The Oriental Collections – Consisting Of Original Essays And Dissertations, Translations And Miscellaneous Papers; Illustrating

The History And Antiquities, The Arts, Sciences, And Literature, Of Asia”.

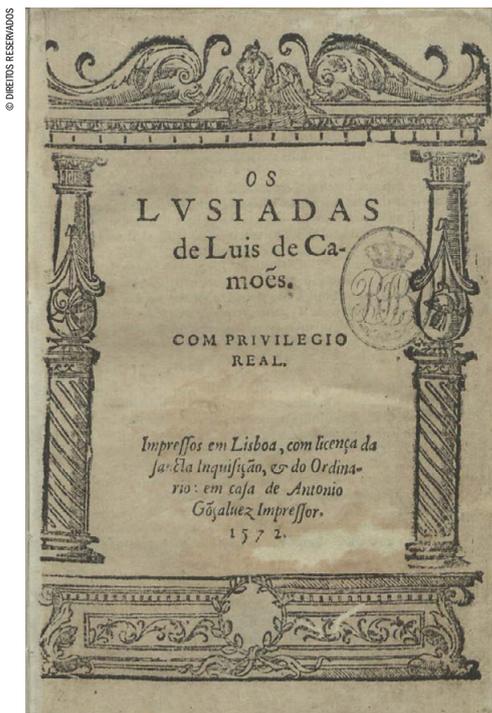
De origem irlandesa, Eyles Irwin (1751-1817) nasceu em Calcutá, na Índia, mas estudou ainda jovem em Inglaterra. Poeta e escritor, foi também funcionário da Companhia Britânica das Índias Orientais, tendo vivido entre Macau (na Casa Garden) e Cantão durante os primeiros anos da década de 1790.

Uma quarta versão da imagem muito semelhante às anteriores é assinada em co-autoria. Thomas Daniell (1749-1840) era já um conceituado pintor quando, juntamente com o seu sobrinho e aprendiz do ofício, William Daniell (1769-1837), com apenas 16 anos, obtiveram autorização para se instalarem na Índia como pintores por parte da Companhia Britânica das Índias Orientais. Partiram de Inglaterra a 7 de Abril de 1785 e estiveram alguns meses em Macau, onde produzem a “Camoens Cave”, uma das inúmeras ilustrações incluídas na obra “A Picturesque Voyage to India by the Way of China”, originalmente publicada em dez partes entre 1795 e 1810.

Um mapa raro

Aquela que aparenta ser a primeira referência à Gruta de Camões num mapa está no “Plan de la ville de Macao”. Remonta a 1792 e surge no livro de 1808 “Voyages à Peking, Manille et l’Île de France: faits dans l’intervalle des années 1784 à 1801”, da autoria de Chrétien-Louis-Joseph de Guignes (1759-1845). Comerciante, diplomata e estudioso da cultura chinesa, era filho do sinólogo Joseph de Guignes. Aprendeu chinês com o pai e viajou para a China em 1784, tendo vivido em vários locais na zona sul do território chinês durante quase 20 anos, incluindo em Macau, antes de regressar à França em 1801.

No terceiro volume da obra mencionada, refere-se à “Casa do Horto” como sendo o maior jardim de Macau, onde fica localizado “um rochedo que se diz ter servido de retiro ao célebre Camões”. ▲



Camões terá escrito parte d’ “Os Lusíadas” na gruta que hoje ostenta o seu nome

* Jornalista, autor de vários livros sobre a história de Macau e criador do blogue Macau Antigo (macauantigo.blogspot.com)

LIVROS

Mandarina: cinco anos no mundo dos contos infantis



Catarina Mesquita fundou a Mandarin Books em 2019

A editora de livros infantis Mandarin celebra este ano o quinto aniversário, com a fundadora Catarina Mesquita apostada em continuar a imaginar contos – para miúdos e graúdos – inspirados nas tradições de Macau

Texto | Nelson Moura

QUANDO Catarina Mesquita chegou a Macau, em 2013, trazia já na bagagem a experiência de trabalho numa editora infantil em Portugal. “Já na altura pensei que, num território com tantas crianças, um projecto para crianças fazia sentido. Só que, entretanto, eu adiei, adiei e deixei. Deixei andar o tempo, comecei a trabalhar noutras coisas, a perceber um bocadinho o que era Macau e como funcionava”, conta à Revista Macau.

Seguiram-se experiências como jornalista, editora e como promotora de leitura na Escola Portuguesa de Macau (EPM), onde se manteve até ao ano passado. Pelo meio, tomou a decisão de passar das ideias à acção para concretizar o que há muito já fazia parte dos planos. Coincidindo com a época do Ano Novo Chinês em 2019, quando Catarina Mesquita conceptualizava a editora, surgiu o nome Mandarin,

pelo simbolismo de prosperidade e sorte na cultura chinesa.

“Naturalmente, rima com o meu nome Catarina, apesar de eu não ter pensado nisto na primeira ideia. Essencialmente foi por ser um símbolo local de prosperidade e de sorte”, destaca.

A decisão de finalmente lançar a editora acabou por ter origem num momento de mudança pessoal, com o nascimento do seu filho. “Eu estava em casa. E pensei, o que eu vou fazer agora? Estou aqui embrenhada no mundo das crianças. Acho que é a altura ideal para começar o projecto”, explica Catarina Mesquita.

Assim nasceu a Mandarin Books, iniciando um percurso vagaroso, mas determinado. A primeira publicação foi um livro de autocollantes que, apesar de esgotado, será reimpresso este ano, em que a editora celebra o seu quinto aniversário.

Esta publicação seria depois transformada num bloco de cartas com 100 palavras e em que todas as ilustrações ensinam expressões e palavras em português, chinês e inglês, usando sempre elementos muito presentes nas ruas de Macau.

“Por exemplo, um táxi é um táxi preto como os de Macau. O autocarro é fácil de identificar, pois é um autocarro amarelo local”, diz a fundadora.

Um ano depois seguiu-se o primeiro grande projecto com o livro “Na Rua”, que narra as aventuras de uma criança portuguesa e do seu pai pelas ruas da cidade, a

folhas meias com a estória de uma criança chinesa que explora Macau com a sua avó.

A obra contou com a colaboração de Joe Tang, um escritor local com experiência na área da literatura infantil, para garantir autenticidade na representação da cultura chinesa, com as ilustrações a cargo de Fernando Chan.

Catarina Mesquita foi a autora da estória portuguesa, protagonizada por Júlia, enquanto Joe Tang foi o autor da estória de Pou, num livro que permite aos pequenos leitores descobrir Macau e o seu património.

Passeios em muitas línguas

A Mandarin rapidamente se destacou por ser uma editora bilingue e, em alguns casos, trilingue, num mercado editorial juvenil já de si pequeno e em que escasseia este tipo de oferta.

Todas as edições são bilingues ou trilingues, sendo a maioria delas em português e chinês, com Catarina Mesquita a destacar a decisão de usar o chinês tradicional por ser mais comumente usado em Macau.

“A maioria das obras tenho sido eu a escrever, com o conceito a sair da minha cabeça. No caso do ‘Na Rua’, foi um processo sempre muito simples. O Joe dava os inputs dele, eu dava os meus e nunca tivemos grandes desafios. O maior desafio, às vezes, é mesmo só questões de tradução. Às vezes, eu escrevo de



© DAVID LUIPO

A editora aposta em sessões de leitura para promover os livros e dar a conhecer o património e tradições de Macau

uma determinada maneira, a tradutora diz que prefere que seja de outra forma, mas mesmo isto se resolve”, conta a escritora.

Catarina Mesquita tem uma forte ligação com Macau, um amor que se reflecte em todos os projectos da Mandarin. “A maioria dos projectos foi sempre em parceria com alguém que tem uma relação muito forte com Macau”, explica.

“A nossa tradutora, Tian Yuan, foi simplesmente uma pessoa que viu a página da Mandarin, mandou uma mensagem e disse ‘Eu sou tradutora, tenho uma filha pequena e gostava de deixar um legado. Posso traduzir os vossos livros?’”

Catarina Mesquita revestiu-se da missão de produzir

integralmente a primeira publicação, sem a ajuda de subsídios. “Fiz o investimento, as coisas correram bem e permitiram-me continuar a investir”, afirma.

A editora acabou também por testemunhar os desafios da pandemia da COVID-19, decidindo retratar o seu impacto nas diferentes comunidades de Macau no seu segundo livro, “Em Casa”.

“Este livro surgiu durante o período da COVID, em pleno confinamento. Estava fechada em casa a pensar no que seria a minha vida a partir de agora. Muitas pessoas diziam-me para continuar o ‘Na Rua’, mas, numa conversa com o Joe, decidimos fazer o ‘Em Casa’”, conta a fundadora da Mandarin.

“Eu aprendi muito com este livro, que fala precisamente sobre como o confinamento afectou as diferentes comunidades”, retrata.

Um mundo ilustrado

Os livros da Mandarin têm sempre bem presente elementos que Catarina Mesquita considera essenciais na literatura infantil: ilustrações de qualidade e estórias que não simplificam demasiado o mundo.

“Claro que depende muito do gosto pessoal de cada um, mas eu acho que as ilustrações são fundamentais. Porque dão muito espaço às crianças para criar além do livro e não estarem tão presas no texto”, refere.

Outro elemento essencial, diz, é ter uma estória que seja simples, mas que não “trate as crianças como seres menores” e explique demasiado ou “acriance” muito o mundo. “São pessoas como nós, só estão noutra nível de desenvolvimento”, aponta.

Ter um filho influenciou a criatividade que a escritora entrega às páginas, mas Catarina Mesquita considera ter sido a sua experiência como promotora de leitura na EPM que mais a inspirou nos seus livros.



Eu acho que é bom poder mostrar coisas diferentes, produtos diferentes, livros um bocadinho mais artísticos

CATARINA MESQUITA
FUNDADORA DA
MANDARINA BOOKS

“Eu estive dois anos a ensinar leitura orientada na EPM, fazia promoção de leitura ao ensino primário e todas aquelas ideias que eles têm e as perguntas que me faziam eram muito inspiradoras”, comenta.

Entretanto, a editora lançou também uma edição de Natal do “Na Rua” e livros personalizados por encomenda, como o “Costa Nunes”, que serve como registo de memórias para os alunos do jardim de infância.

Mais recentemente, a Mandarina colaborou também com o Instituto Internacional de Macau (IIM) para a colecção “Os Pequenos Exploradores de Macau”, um projecto que contou com o apoio do Fundo de Desenvolvimento da Cultura e que se focou em temas como património, festividades, gastronomia e profissões tradicionais em Macau.

A ideia para a colecção partiu de comentários de outras pessoas que diziam que não existiam livros para crianças que lhes ensinassem mais sobre a cidade.

“Esta colecção teve grande sucesso, com a primeira e segunda edições esgotadas”, indica Catarina Mesquita. “Temos feito muita promoção dos ‘Pequenos Exploradores’ nas escolas, em parceria com o IIM. Portanto, temos ido a quase todas as escolas chinesas. Também temos intenção, por exemplo, de fazer visitas de grupo guiadas aos locais”, acrescenta.

Apesar dos desafios financeiros e da forte concorrência de plataformas *online*, Catarina Mesquita está determinada em continuar um projecto que lhe dá imensa gratificação.

Para já, diz a fundadora, o presente passa pela continuação das sessões de leitura e, eventualmente, mais tarde, pela expansão para outros mercados, incluindo o Interior da China.

“As sessões de leitura são uma aposta que eu tenho na sequência dessa experiência na EPM. Faço sessões a contar uma estória na sequência de um tema qualquer. Celebramos o Dia da Mãe com mães [num evento] em que, enquanto se conta a estória, há sessão fotográfica para poderem recordar aquele momento”, afirma Catarina Mesquita.

Outras sessões incluíram a participação do cartunista local Rodrigo de Matos, que ilustrou em tempo real uma estória que as crianças contaram.

Para o futuro, Catarina Mesquita diz querer organizar ainda mais sessões de leitura e desenvolver ainda mais a criação de estórias com Macau como pano de fundo e inspiração.

“Eu acho que é bom poder mostrar coisas diferentes, produtos diferentes, livros um bocadinho mais artísticos”, conclui a fundadora da Mandarina.

No que toca à expansão comercial, a editora quer dar um passo de cada vez, para diminuir eventuais riscos.

“Acho que os livros podem ser vendidos internacionalmente, em Portugal, ou na China. Sem dúvida, esse poderia ser o próximo passo da Mandarina. Entrar no mercado chinês seria um salto completamente diferente”, remata. ◀

INCLUSIVIDADE

Juntos para ultrapassar os obstáculos que ainda persistem

O desporto inclusivo em Macau continua a evoluir, mas algumas barreiras mantêm-se tanto para atletas de elite como para amadores. A integração na sociedade, graças aos benefícios da prática desportiva, é uma realidade a nível global a que Macau se associou. Para muitas famílias, o desporto foi a porta que permitiu uma mudança de mentalidade



Texto | Vitor Rebelo

A RELAÇÃO entre desporto e pessoas com deficiência continua a ser uma luta pela dignidade, sendo a eliminação da discriminação uma tarefa constante, esforçada e que envolve a dedicação de atletas, famílias e múltiplas organizações, incluindo o Governo.

A contribuição que a prática desportiva oferece para a inclusão de um ser humano na sociedade está mais do que provada, aumentando a autoestima proporcionada pelo bem-estar físico e social. Esta realidade ganha ainda mais relevo ao nível de pessoas com deficiência, para as quais o desporto funciona como um campo para extravasar emoções e desafiar preconceitos de longa data, proporcionando, fundamentalmente, o tão importante contacto com outros indivíduos com ou sem deficiência.

Macau não foge à regra e apresenta até a vantagem, pela sua pequena dimensão territorial, de favorecer um relacionamento mais próximo e rápido, ao contrário do que acontece em grandes cidades por esse mundo fora.

Para trás, ainda que num passado não muito distante, ficou o receio de muitos pais mostrarem à sociedade os seus filhos com problemas físicos ou mentais, uma barreira que tem sido gradualmente reduzida.

O número de pessoas – jovens ou menos jovens – que têm recorrido aos programas da Macau Special Olympics nos últimos anos prova que o território tem conhecido uma grande evolução neste domínio. No entanto, as pessoas com deficiência são, com demasiada frequência, excluídas de certas áreas da sociedade devido à falta de acessibilidade das infra-estruturas ou serviços, que não estão adaptados às suas necessidades.

Nesta reportagem, a Revista Macau falou com dirigentes, atletas e outros intervenientes directamente

© MACAU SPECIAL OLYMPICS



A Macau Special Olympics tem registado um aumento no número de participantes nas actividades que organiza

ligados ao desporto inclusivo, fazendo o ponto da situação do desporto como actividade de lazer para pessoas com deficiência, mas também o da evolução de atletas de elite no território.

De uma forma geral, o progresso do desporto inclusivo em Macau recebe nota positiva, contando com algum investimento por parte do Governo. Porém, diz quem está ligado ao sector, “há ainda muito por fazer”, em especial no que diz respeito aos espaços disponíveis para treino.

“Nos últimos anos, tem-se verificado uma evolução positiva no apoio oficial dado às pessoas com deficiência que querem praticar desporto em Macau”, afirma Hetzer Siu Yu Hong, director da Macau Special Olympics. O dirigente salienta que o Governo “tem demonstrado um maior empenho na promoção do desporto

inclusivo e no apoio às pessoas com deficiência”.

No entanto, diz o responsável, “algumas das dificuldades continuam por resolver ao longo dos anos, como a falta de locais de treino”.

Os horizontes, defende Hetzer Siu, deveriam ser alargados, até porque o desporto é um factor de coesão e uma excelente ferramenta social de melhoria da qualidade de vida e da saúde dos cidadãos.

Obstáculos a transpor

Duas atletas locais que beneficiam do estatuto de elite são Hoi Long e Lao In I. A primeira, com deficiência auditiva, tem obtido excelentes resultados tanto em competições de desporto adaptado como em provas regulares, ou seja, competindo com atletas sem quaisquer



O desporto é considerado um excelente veículo para dar visibilidade às pessoas com deficiência

limitações mentais, sensoriais ou físicas/motoras. Já Lao In I tem competido com sucesso na disciplina de esgrima em cadeira de rodas.

Para Hoi Long, as duas categorias de atletas, com ou sem deficiência, “enfrentam um grande desafio no que diz respeito às instalações de treino” no território.

“Em Macau, há uma escassez de espaços desportivos disponíveis para treinar e esses recintos têm também de satisfazer as necessidades do público em geral, o que torna tudo ainda mais difícil”, afirma a atleta.

Segundo Hoi Long, o Governo tem-se concentrado no desenvolvimento de disciplinas desportivas específicas que requerem pouco espaço, como o wushu e o karaté. No entanto, “desportos como o triatlo, que requerem áreas de treino maiores, são mais difíceis de desenvolver em Macau, daí que as disciplinas

desportivas baseadas na velocidade enfrentem maiores obstáculos em termos de desenvolvimento”, refere.

Na opinião de Lao In I, nem os recursos administrativos nem os recursos técnicos têm acompanhado o desenvolvimento das diferentes modalidades, “sobretudo com o envelhecimento dos atletas portadores de deficiência física, o que torna ainda mais difícil o desenvolvimento do desporto adaptado”, realça.

A esgrimista considera que uma pessoa com deficiência pode descobrir através do desporto os seus limites e potencialidades, “ultrapassando algumas barreiras impostas pela sociedade”.

António Fernandes, presidente da Associação Recreativa dos Deficientes de Macau, que engloba atletas da “classe de elite”, refere que embora faltem alguns estímulos para que jovens com deficiência procurem uma carreira de elite no mundo do desporto adaptado, a sua associação conta actualmente com cerca de 40 atletas, dedicados às modalidades de ténis de mesa, boccia, badminton e esgrima.



Há geralmente uma maior abertura e sensibilização para os benefícios do desporto inclusivo em Macau

HETZER SIU
DIRECTOR DA MACAU SPECIAL OLYMPICS

Mais programas, mais recursos

De uma forma mais “amadora” e empenhados em proporcionar uma genuína integração social através da prática desportiva, a Macau Special Olympics depara-se igualmente com dificuldades.

“Enfrentamos constrangimentos em termos de recursos financeiros, pessoal e instalações”, assevera Hetzer Siu. “O desenvolvimento de programas de desporto inclusivo requer recursos adicionais para fornecer treino especializado, equipamento especializado e infra-estruturas acessíveis”, diz o responsável, acrescentando que “o financiamento limitado pode dificultar a expansão e a sustentabilidade das iniciativas” ligadas ao desporto adaptado.

“O desenvolvimento de programas desportivos inclusivos requer formação especializada e conhecimentos para treinadores, formadores e membros do pessoal”, recorda o dirigente.

Hetzer Siu reconhece que apesar de se registar um interesse crescente dos jovens com deficiência em

praticar desporto em Macau, “não há motivação suficiente para que eles dêem o primeiro passo, também devido à falta de instalações”.

Numa política clara de inclusão social graças aos benefícios do desporto, a Macau Special Olympics mantém-se fiel ao princípio da organização-mãe, a Special Olympics International, de apoiar pessoas com deficiência intelectual, desenvolver a sua autoconfiança, capacidades de relacionamento interpessoal e sentido de realização.

O desporto, segundo as organizações internacionais, torna-se, pelo seu carácter universal e massificante, um excelente veículo e instrumento para dar visibilidade às pessoas com deficiência e ajudar a passar do cidadão com deficiência e incapacidade para a pessoa com capacidades e potencialidades.

Ao longo de quase 40 anos de actividade, a Macau Special Olympics tem trabalhado no desenvolvimento do desporto inclusivo, não deixando também de olhar para a vertente mais competitiva, com muitos dos seus atletas a conquistarem medalhas em provas além-fronteiras.

No ano passado, por exemplo, a associação marcou presença nos Jogos Mundiais de Berlim, Alemanha, de onde trouxe cerca de quatro dezenas de medalhas. No próximo ano, a Macau Special Olympics vai ser representada por atletas nos Jogos Nacionais da China, com algumas modalidades a terem lugar em Macau.

Trabalho de equipa

Ao abordar-se o tema da “inclusão através do desporto”, o papel da Macau Special Olympics ao longo dos anos tem sido determinante, até mesmo nas actividades puramente de carácter social, as quais têm servido de “trampolim” para que muitas pessoas com deficiência tenham o primeiro contacto com o desporto.

Numa definição geral, a inclusão social é entendida como “um veículo que promove o trabalho em equipa”, permitindo a todos interagirem com os seus pares, para além de criar laços de amizade que favorecem a entrada na prática desportiva. Esta, por outro



O desporto inclusivo faz com que as pessoas com deficiência física e mental mostrem as suas habilidades à sociedade

LAO IN I
ATLETA DE ESGRIMA
EM CADEIRA DE RODAS

lado, promove a aquisição de capacidades motoras e o desenvolvimento de aptidões ao nível da mobilidade, orientação, equilíbrio e comunicação.

Para Hetzer Siu, o desporto inclusivo em Macau desempenha um papel significativo na integração das pessoas com deficiência na sociedade. “Ao proporcionar oportunidades iguais de participação no desporto a pessoas com deficiência, estabelece-se um sentimento de pertença e aceitação, promovendo ligações sociais e reduzindo o isolamento”, explica o dirigente.



Lao In I tem competido em várias provas em representação de Macau

Por outro lado, “o desporto inclusivo cria oportunidades para os indivíduos sem deficiência se envolverem e compreenderem as capacidades e os desafios enfrentados pelas pessoas com deficiência”, acrescenta.

Para Hetzer Siu, ao oferecer programas desportivos, promover a inclusão, defender os indivíduos com deficiências e enfatizar o desenvolvimento pessoal, a Macau Special Olympics “desempenha um papel vital na melhoria da vida” das pessoas com deficiência e “na criação de uma sociedade inclusiva”.

No âmbito do evento “Jogos Olímpicos Especiais de Macau”, são organizados programas de treino e competição desportiva especificamente concebidos para pessoas com deficiência intelectual, salienta Hetzer Siu. Estes programas cobrem uma variedade de desportos, incluindo atletismo, natação, ténis de mesa, basquetebol, futebol, entre outras.

“Criámos também um ambiente inclusivo onde os indivíduos com deficiência intelectual podem socializar, interagir e desenvolver relações significativas com os seus pares, treinadores e voluntários”, adianta o responsável. “Ao fomentar um sentimento de pertença e aceitação, os Jogos Olímpicos Especiais de Macau ajudam a combater o isolamento social e promovem o bem-estar geral dos seus participantes.”

Nova mentalidade e atitude

A Macau Special Olympics, fundada em 1987, possui também um centro de serviços sociais que oferece uma gama completa de serviços e apoio a pessoas com deficiência intelectual e às suas famílias, em termos de cuidados pós-escolares, redes de apoio à família, cuidados de saúde, serviços de autocarro e actividades de lazer e artes.

“O centro trabalha a nível individual para avaliar as necessidades de cada utilizador e criar um plano de serviços especificamente concebido para responder às suas necessidades”, reforça Hetzer Siu.

Além disso, afirma, “os serviços especializados, como os ateliers protegidos, a formação profissional e os centros de actividades diurnas”, têm como objectivo “ajudar as pessoas com deficiência intelectual a conseguir um emprego significativo e a contribuir para a sociedade”.

Já o Departamento de Reabilitação Profissional procura responder às expectativas dos atletas e famílias “no que toca à construção de um local de trabalho mais inclusivo na comunidade”, afirma o responsável.



“ Cultivei a minha força de vontade e perseverança através de anos de treino regular

HOI LONG
ATELETA DE TRIATLO

No que concerne o papel dos pais e das famílias, Hetzer Siu não tem dúvidas: “Embora possa haver ainda alguns pais que inicialmente hesitam em permitir que os seus filhos com deficiência pratiquem desporto, há geralmente uma maior abertura e sensibilização para os benefícios do desporto inclusivo em Macau”.

Actualmente, diz o dirigente, os esforços de sensibilização e promoção do desporto inclusivo “ajudaram a mudar as atitudes e a encorajar os pais a apoiarem a participação dos seus filhos, reconhecendo agora o impacto positivo que o desporto pode ter no bem-estar físico e mental, nas competências sociais e no desenvolvimento geral das crianças”.

Promover a autoconfiança

Como atleta de elite, Hoi Long conjuga o desporto com um emprego a tempo inteiro na função pública. Com um plano de treino bastante exigente, os seus dias começam cedo, com sessões de treino antes de ir para o trabalho, que diversas vezes se repetem ao final do dia.

A desportista reconhece que o desporto aumentou a sua autoconfiança, melhorou as suas capacidades sociais e alargou os seus horizontes através das viagens para competições. “Cultivei a minha força de vontade e perseverança através de anos de treino regular, que me ajudam também a ultrapassar adversidades e a resolver desafios. O desporto permite-me viver hoje uma vida mais saudável e mais confiante.”

Lao In I diz que o desporto permite que as pessoas com deficiência alarguem os seus horizontes. “O desporto inclusivo faz com que as pessoas com deficiência física e mental mostrem as suas habilidades à sociedade”, permitindo também que o público possa “sentir a energia positiva das pessoas com deficiência”.

No seu caso, a atleta tem a possibilidade de mostrar o seu talento na esgrima, podendo também partilhar com jovens atletas “as competências e a experiência de competição” que adquiriu.



Hoi Long tem obtido excelentes resultados tanto em competições de desporto adaptado como em provas regulares

Existem ainda alguns estigmas e mitos que têm de ser quebrados, mas, cada vez mais, o desporto adaptado começa a ser integrado no dito desporto regular. No entanto, de acordo com os dirigentes associativos, esta integração deverá começar na base, na prática desportiva escolar, antes de chegar às estruturas regulares e envolver outros agentes desportivos.

Segundo Fátima Santos Ferreira, em tempos a presidente do Instituto de Acção Social, é importante que as pessoas com deficiência não só tenham

acesso a espaços de lazer e desporto, mas também à liberdade de escolher e à possibilidade de participar na actividade de que gostam e na qual se podem destacar.

Actualmente à frente da Associação de Reabilitação Fu Hong de Macau, Fátima Santos Ferreira realça que “o desporto, para além de proporcionar uma integração mais fácil na sociedade, permitirá que mais tarde as pessoas com deficiência ingressem na vida profissional”. ◀

a minha cidade

OS LUGARES DA MEMÓRIA CONTRA

© OSWALDO VAS



A RATOEIRA DA SAUDADE



Pragmático e objectivo, **Francisco Manhão** não troca a Macau de hoje pela visão, muitas vezes distorcida pela nostalgia, da cidade de antanho. Aos 74 anos, o actual presidente da Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas de Macau (APOMAC) diz viver em paz com os ecos de uma juventude com tanto de difícil, como de desconcertante. O passado não é propriamente um lugar estranho, mas nem só de memórias vive o Homem

Texto | Marco Carvalho

MESTRE da sua alma, capitão do seu destino, rei e senhor da sua rua. Francisco Manhão não se lança com um entusiasmo fortuito na ratoeira da saudade. Desconfia até de quem lhe garante que a Macau de antanho possuía encantos que a de hoje não possui.

Se o saudosismo não é mal que o acometa e o velho casario de outrora não lhe suscita particular devoção ou encantamento, reconhece que a candura com que enaltece a aurora da vida facilmente se confunde com sujeição à nostalgia ou glorificação da juventude. Mais do que dos locais onde viveu, Francisco Manhão sente falta do que viveu, dos dias em que tudo parecia possível e o mundo era um mar de oportunidades.

a minha cidade

01 Verdes anos nas verdes vivendas

DIAS FELIZES, mas nem por isso fáceis. As memórias das tardes ir-repetíveis da meninez são cada vez mais esparsas, mas há nuances que Francisco Manhão não esquece: décimo de uma numerosa linhagem de 12 irmãos, encontrava na rua o fôlego, o espaço e a liberdade que o mais das vezes não tinha em casa.

Os anos formadores da infância foram passados no número 55 da Avenida do Coronel Mesquita. A vivenda sobreviveu à voragem dos anos e à transformação meteórica da paisagem urbana e encontra-se em vias de classificação por parte das autoridades de Macau. Hoje vista como uma estrutura com características únicas, um raro exemplo do peculiar estilo arquitectónico que se popularizou sob a designação de “português suave”, a moradia integra um conjunto habitacional com características similares, originalmente concebido para acolher funcionários públicos das categorias inferiores do quadro geral e para responder às necessidades básicas de espaço de uma pequena família, circunstância na qual o clã Manhão não encaixava de todo.

“A casa era um tanto ou quanto pequena. Se bem que fosse uma moradia com dois pisos, ao todo éramos 14 pessoas na minha

família. Vivíamos com muitas dificuldades”, reconhece.

“Naquela altura tudo era difícil. O meu pai era subchefe da Polícia de Segurança Pública, mas era o único que ganhava. Era necessário fazer muita ginástica. Basta que lhe diga que a mesa de jantar não dava para sentar toda a gente. Os menores tinham que se sentar fora da mesa e eu era um deles. Era o décimo na hierarquia da prole e tinha de ficar fora da mesa. As perspectivas não eram fáceis, mas tudo se criou”, constata Francisco Manhão, sem angústia e sem nostalgia.

02 A felicidade mora ao fundo da rua

AO ESPAÇO minguante dentro de portas, Francisco Manhão e a rebanhada de miúdos que cresceram no chamado Bairro de Mong-Há respondiam com uma invasão frenética e comanditada das ruas que cercavam a colina. De tão pacatas, as avenidas, os becos e as ruelas pareciam infinitos.

“De meia em meia hora ou a cada 45 minutos passava um carro. Portanto, dava perfeitamente para engendrar todo o tipo de brincadeiras. No Verão, largávamos papagaios de papel. Na altura, nós tínhamos um rolo e era com a ajuda desse rolo que controlávamos os papagaios. O melhor sítio para lançar os papagaios era na

rua. Quase não passavam carros. A única desvantagem eram mesmo os fios eléctricos. Na altura, estavam pendurados por todo o lado. A linha quando lhes tocava reben-tava logo”, recorda.

Foi também na rua que Francisco Manhão descobriu uma paixão que o acompanhou ao longo de toda a vida, o futebol. A infância do agora dirigente associativo teve um pendor marcadamente territorial, com as brincadeiras a orbitarem em torno da Avenida do Coronel Mesquita e a desaguardem infindáveis vezes no Campo do Canídromo.

“Passávamos grande parte do tempo na mesma zona. Quando morávamos na Coronel Mesquita, praticamente não saíamos da Coronel Mesquita. Havia poucas probabilidades de irmos para o Tap Seac ou para a Belchior Carneiro”, admite Manhão.

“Onde eu passava mais tempo era no Campo do Canídromo. E passava grande parte do tempo no Campo do Canídromo porque ali podíamos jogar à bola, ver jogos de futebol e, como éramos um pouco malandros, surripiávamos as bananas e a batata doce que o guarda lá plantava”, recorda.

O manancial de horas que passou naquele espaço fazem de Francisco Manhão uma verdadeira enciclopédia no que toca à história, ainda por contar, do desporto-rei em Macau. História, que em grande

medida, se confunde com o seu próprio percurso pessoal.

“Passei muito tempo da minha infância no Canídromo. Assisti ali a muitos jogos de futebol. Tantos que tenho uma memória muito cristalina de muitos dos melhores jogadores que ali jogavam no passado”, assume o antigo presidente da Associação dos Veteranos de Futebol de Macau.

03 Uma outra educação

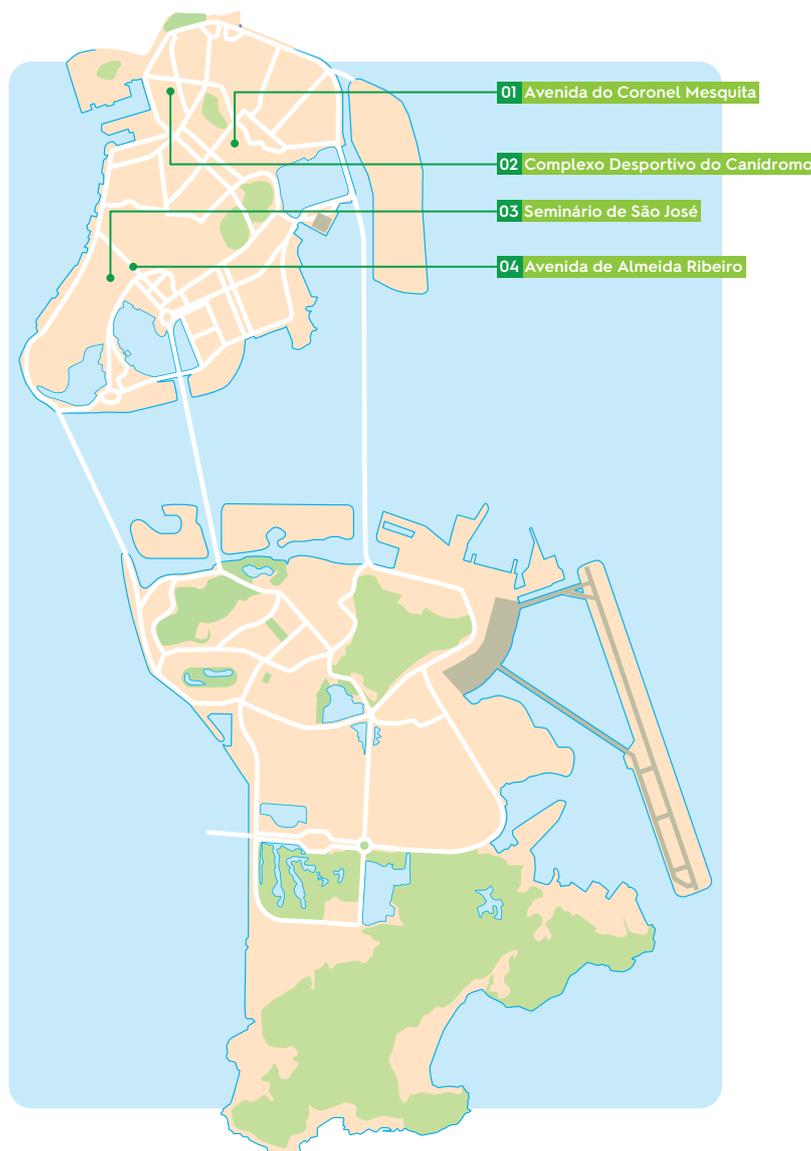
A LIGAÇÃO umbilical, quase visceral, à Coronel Mesquita rompe-se com a entrada na adolescência. Aos 13 anos, a família sobe a avenida e instala-se no há muito desaparecido Edifício da Flora, onde encontra condições de vida mais favoráveis: “Já havia mais espaço para nós. Tínhamos três quartos e as divisórias eram melhores”, conta.

O prédio tinha vista desassombrada para o Campo D. Bosco, mas o Canídromo permaneceu como refúgio de eleição no planisfério sentimental de Francisco Manhão ou não remontassem ao mais antigo relvado do território as primeiras grandes conquistas pessoais.

“Fomos campeões na categoria de juniores em dois anos consecutivos. É por isso que digo que, para mim, o Canídromo é muito importante. Ganhámos em 1964 e voltámos a ganhar em 1965, tinha eu 14 e 15 anos”, diz o presidente da APOMAC.

Se, dentro de campo, Francisco Manhão aprendeu o valor do companheirismo e a importância do trabalho em equipa, nas carteiras do Seminário de São José recebeu os fundamentos da educação clássica e rigorosa que é apanágio das

instituições da Igreja. Dos anos passados na instituição, retém a memória de um ambiente generoso e intelectualmente estimulante, pela mão de mestres como os padres Juvenal Garcia, Júlio Augusto Massa ou José Barcelos Mendes.



“Fui para o Seminário por influência dos meus irmãos. O meu pai queria que eu fosse para o Liceu Nacional Infante D. Henrique, mas a minha cabeça estava voltada para o Seminário e é uma decisão da qual não me arrependo”, assume. “Apanhei professores formidáveis no Seminário. Nos anos finais da minha formação, apanhei o padre Massa, o padre Mendes, o padre Juvenal. Tudo pessoas fora de série”, garante.

04 Ruby, um amor de perdição

OS ANOS passados como aluno externo do Seminário de São José foram fundamentais para lutas futuras, principalmente as que protagonizou ao lado do amigo Jorge Fão na recta final do período de administração portuguesa com a camisola da Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau (ATFPM).

Se dentro das paredes do seminário se inteirou dos valores onde se fundamenta a moral católica, fora delas foi tomando o pulso aos pequenos prazeres e vícios que iludem os sacramentos, mas que, em grande medida, dão cor à vida. Ponto de paragem obrigatória para a comunidade macaense, o café Ruby, em plena Avenida de Almeida Ribeiro, foi para Francisco Manhão como que uma segunda casa.

“Na Avenida Almeida Ribeiro, mesmo em frente aos Correios,



Seminário de São José

havia um restaurante muito conhecido, o restaurante Ruby. Era um local muito procurado por um grande número de pessoas da comunidade, muitos dos quais eram funcionários do Estado. Depois do almoço, encontrávamo-nos lá e tomávamos café. Eles iam para o serviço e nós íamos para a bola ou fazer outras coisas”, recorda.

Propriedade de uma família chinesa, o café-restaurante foi o espaço de eleição dos macaenses entre as décadas de 1940 e o início da década de 1970. Numa época em que a televisão era ainda uma

remota promessa, era para ali que os jovens iam ouvir música, na rádio e na jukebox, ou, como no caso de Francisco Manhão, jogar bilhar.

“Aprendi a jogar bilhar precisamente no primeiro andar do restaurante Ruby. No período das férias, tomávamos café no Ruby e, depois, subíamos as escadas e jogávamos um pouco de bilhar no Salão Tai Chong. Aliás, não era apenas nas férias. Durante o ano lectivo, muitas vezes faltávamos às aulas só para ir jogar bilhar”, remata, com um assomo de nostalgia. ▲



NO REGRESSO ÀS RAÍZES, A CONVERGÊNCIA DE SABORES

Alquimia, sustentabilidade e produto. No evangelho da gastronomia, os três conceitos são, para **André Lai**, a santíssima trindade onde se fundamenta a cozinha moderna. Macaense desenraizado e descontextualizado, olha sem arrebatamento e sem pruridos para o futuro da cozinha macaense, mundividência que, defende, está condenada à sobrevivência

gastronomias

Texto | Marco Carvalho

“O QUE é a cozinha macaense senão uma cozinha de inovação?” A pergunta é arremessada em jeito de certeza por André Lai. O actual chef executivo do restaurante Andaz Kitchen vê como inevitável a transmigração da gastronomia macaense do aconchego das cozinhas domésticas para a copa dos restaurantes, num processo a que não é indiferente a progressiva profissionalização do sector da restauração em Macau.

No processo de consolidação e renovação da cozinha maquista, o tempo, sustenta, é o ingrediente essencial. O chef, com formação em gastronomia francesa pela Escola de Hotelaria do Estoril, em Portugal, assume como inevitável que os sabores macaenses evoluam, tal como sucedeu, por exemplo, com a gastronomia portuguesa ao longo das últimas décadas.

“O factor na equação que mais influência vai ter é o tempo. O tempo vai fazer com que a persistência dos profissionais da área consiga prevalecer e com essa prevalência chega a inovação, porque é isso que tem vindo a acontecer com a cozinha portuguesa”, salienta André Lai.

“A cozinha portuguesa é mais do que receitas. É produto. E quando se tem um produto, consegue-se

innovar. Quando se tem um background e quando se tem uma base sólida, é possível inovar e a cozinha macaense consegue ter essa base sólida”, acrescenta.

“O que se tem de continuar a fazer em Macau é solidificar a cozinha macaense ... perceber o que se come genuinamente em casa das pessoas, o que tem história, o que tem raízes, o que é fruto de uma herança e compreender de que forma é que essa base pode ser consolidada e a partir daí inovar”, argumenta o chef.

“A cozinha macaense é, na verdade, uma cozinha de inovação. Foi uma das primeiras cozinhas de fusão do mundo e uma cozinha de fusão é sempre uma cozinha de inovação”, defende.

FILHO DE PEIXE SABE NADAR

Filho de pai chinês, natural de Timor-Leste, e de mãe portuguesa, o experiente cozinheiro é, tal como as iguarias macaenses, o resultado da convergência de dois mundos. Do pai, cozinheiro e disseminador de restaurantes chineses um pouco por toda a Europa, herdou o fascínio pelas artes culinárias e pela alquimia que lhes está associada.

“Cozinho, muitas vezes, pela satisfação de ver a comida ser transformada. A magia que está por trás de transformar, de fazer um simples refogado é algo que me dá bastante alento”, sustenta André

Lai. “O meu foco vai ser sempre esse: a transformação da comida e o prazer que transformar a comida me dá. Considero o sucesso a capacidade de conseguir transparecer isso para as outras pessoas”, acrescenta.

A impremeditada paixão pelas lides da cozinha manifestou-se cedo e colheu oposição onde menos se esperava. “Para longe da tua mãe, já chego eu. Além disso, a cozinha é muito bonita, mas não queiras envelhecer à frente de uma chapa”, disse-lhe o pai. A advertência, quase profética, acompanha André Lai desde sempre e tem norteado os passos de uma bem-sucedida carreira, que o levou à cozinha de projectos como o restaurante Fortaleza do Guincho, em Portugal, o Alma Portuguese Grill Restaurant, em Hong Kong, os restaurantes Gosto e Mesa by José Avillez, em Macau.

“São duas frases que me ficaram na cabeça e que acabaram por moldar a minha ambição ao longo do tempo. Na altura entendi o que ele quis dizer, mas é muito diferente sentir isso na pele: saltamos aniversários, épocas festivas e todos os outros momentos importantes. Os chefs gozam actualmente, de certa forma, de uma imagem de rock stars e isso tem os seus benefícios, tem os seus aspectos positivos, mas não é só glamour. Há aspectos negativos e há desafios que é necessário ter em conta”, sustenta André Lai.

Um dos maiores, numa indústria que se habituou a não olhar a meios para atingir os fins a que se propõe, é o da sustentabilidade. O acesso a produtos de qualidade sem ter de recorrer a fornecedores do outro lado do mundo e sem colocar em causa a autenticidade dos pratos e iguarias que oferece, é uma das missões pela qual tem batalhado desde que assumiu, há um ano, o estatuto de chef executivo no restaurante.

“Claro que passar para chef executivo é passar para uma posição mais administrativa. É claro que, no final do dia, o produto que eu tenho de oferecer aos meus clientes continua a ser comida. Mas seria redutor pensar que lidamos apenas com comida. Também lidamos com pessoas. E ser chef executivo é ser responsável por uma equipa que gere a cozinha de um hotel. Quando isso acontece, o meu produto são as pessoas e as pessoas

que trabalham comigo têm de providenciar a qualidade para a qual queremos direccionar os nossos pratos”, assume André Lai.

“Como chef executivo, uma das vantagens que chegam com a função é que posso decidir a direcção do projecto nas áreas da sustentabilidade que possam ter impacto. Gerir um hotel com 600 quartos e colocar fruta em cada quarto é uma decisão que tem um impacto social. Neste momento, em vez de colocarmos em cada quarto fruta japonesa, reconhecida pela sua grande qualidade, o que estamos a fazer é a pegar em fruta local, do Interior da China, e oferecer fruta que esteja no melhor da época. É algo natural e, de certa forma, lógico, mas que nem sempre é praticado”, sublinha o responsável.

Radicado em Macau há oito anos, mais do que uma segunda casa, André Lai reencontrou no território as suas raízes ancestrais. Com a vinda para o Oriente cumpriu-se um designio que o acompanhou desde sempre, ou não fosse o sangue mais espesso do que a água.

“É irónico, mas sempre disse a toda a gente que gostava muito de viver na China. Sendo o meu avô de Macau, pode parecer uma ambição natural. Mas nem sequer era para Macau, era para a China mesmo. Queria vir para a China e dizia isso a toda a gente. E um dia houve alguém que me disse que tinha uma oportunidade para vir para Hong Kong. Não pensei duas vezes”, remata. ▲



A inovação ajuda a manter viva qualquer cozinha tradicional, diz o chef André Lai

roteiro

+ ESPECTÁCULO**“Romeu e Julieta”,
frémido do fundo do ser**

O enredo é universal e intemporal, mas ganha uma actualidade e uma vitalidade sem precedentes pela mão de Matthew Bourne. O aclamado coreógrafo britânico notabilizou-se pela capacidade de impregnar as suas criações com uma expressividade visceral e a sua ousada adaptação de “Romeu e Julieta” não é excepção.

Numa interpretação singular, Bourne reinventa e revitaliza o clássico de William Shakespeare, ao re-

vestir a trágica paixão dos jovens amantes de Verona de uma energia exuberante, impulsionada por uma coreografia expressiva, em que o fatalismo da narrativa se

projecta de forma torrencial, quase violenta.

O resultado é uma obra magistral, que explora as tumultuosas pulsões do amor juvenil e que rendeu a Bourne a aclamação quase unânime da crítica. Dançada ao som de Prokofiev, a tragédia leva o público por caminhos desconhecidos através de um cenário que Bourne adapta aos tempos modernos.



© CENTRO CULTURAL DE MACAU

“Romeu e Julieta”

LOCAL Grande Auditório do Centro Cultural de Macau

DATA 11, 12 e 13 de Julho, às 20 horas; 14 de Julho, às 15 horas

PREÇO Entre 200 e 500 patacas



MAIS INFORMAÇÃO

+ EXPOSIÇÃO**Esboços da China.
As portas que Chinnery abriu**

É a par de John Constable e de William Turner um dos nomes cimeiros da “idade de ouro” da pintura paisagística inglesa, mas, ao contrário dos compatriotas, notabilizou-se sobretudo pela forma detalhada como retratou, ao longo de 27 anos, os espaços e o quotidiano de Macau e do sul da China na primeira metade do século XIX.

George Chinnery nasceu há 250 anos e, para assinalar a efeméride, o Museu de Arte de Macau (MAM) acolhe até 15 de Setembro a exposição “Foco – Integração Artística entre a China e o Ocidente nos Séculos XVIII e XIX”. A mostra reúne mais de três centenas de obras, de Chinnery e concebidas ao “estilo de George Chinnery”, provenientes do Museu de Guangdong, do Museu de Arte de Hong Kong e do acervo do próprio MAM. A exposição propõe uma reflexão exaustiva sobre o legado artístico de George Chinnery no sul da China, ao mesmo tempo que destaca o papel de Macau no diálogo visual entre as culturas chinesa e ocidental.



© MUSEU DE ARTE DE MACAU

**“Foco – Integração Artística entre a China
e o Ocidente nos Séculos XVIII e XIX”**

LOCAL Museu de Arte de Macau, 3.º e 4.º andares

DATA Até 11 de Agosto, no 4.º andar; 15 de Setembro, no 3.º andar

HORÁRIO De terça-feira a domingo, entre as 10 e as 19 horas

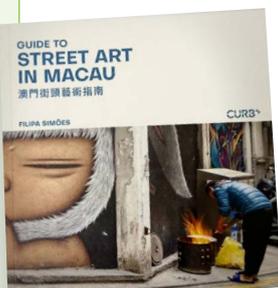
PREÇO Entrada gratuita



MAIS INFORMAÇÃO

+ LIVROS

Um guia visual para a arte fora de portas



É uma proposta inédita sobre um fenómeno relativamente recente em Macau. A arte urbana tem vindo a ganhar projecção no território nos últimos anos, com o aparecimento de murais e graffiti em vários pontos da península e das ilhas, e a designer Filipa Simões procedeu

ao primeiro grande levantamento deste tipo de manifestações artísticas na cidade.

A empreitada de inventariação resultou no livro “Guide to Street Art in Macau” (“Guia para a Arte de Rua em Macau”, em tradução livre), uma obra na qual a também docente universitária apresenta um mapeamento exaustivo dos registos artísticos de arte urbana em seis zonas do território. Na península de Macau, os exemplares de arte de rua estão concentrados em quatro núcleos, mas a publicação, com fotografias da autoria de David Lopo, abrange ainda criações nas ilhas da Taipa e de Coloane.

O guia oferece a residentes e visitantes uma selecção de “manifestações efémeras de arte de rua e itinerários alternativos da cidade”, com o propósito de “materializar e publicar os conteúdos recolhidos, um passo essencial para tornar a cultura da arte de rua tangível, legível e colecionável”.

“Guide to Street Art in Macau”

AUTORIA Filipa Simões, David Lopo (fotografia)

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Arte urbana, urbanismo

IDIOMA Inglês e Chinês

PREÇO 150 patacas

PÁGINAS Cerca de 200 páginas

EDITOR CURB - Centro de Arquitectura e Urbanismo

+ NA REDE

A literatura de Macau página a página

Uma nova forma de se enredar na literatura de Macau e sobre Macau. Inaugurada há menos de dois anos, em Setembro de 2022, a Casa da Literatura de Macau é um dos mais recentes espaços museológicos do território e um dos que mais histórias contempla ou não fosse o seu propósito o de servir de montra à literatura local e à obra de autores como Luís de Camões, Camilo Pessanha, Tang Xianzu, Wu Li ou Henrique de Senna Fernandes.

Alojada num edifício de traça portuguesa, na Avenida do Conselheiro Ferreira de Almeida, a Casa da Literatura de Macau faz parte



de um complexo arquitectónico classificado e, para além de poder ser visitada presencialmente de terça-feira a domingo, entre as 10 e as 18 horas, pode agora também ser explorada virtualmente a partir de uma plataforma digital providenciada pelo Instituto Cultural.

Através das visitas virtuais, o público tem acesso a várias experiências interactivas, relacionadas tanto com o edifício propriamente dito, como com as peças que integram o seu acervo. A plataforma proporciona ainda audioguias em várias línguas, um recurso que ajuda a transformar a visita virtual numa experiência verdadeiramente imersiva.

ORGANIZAÇÃO Instituto Cultural

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Literatura, leitura

IDIOMA Português, Chinês Tradicional, Chinês Simplificado, Inglês



WEBSITE

<https://vr.icm.gov.mo/depub/clm/>



FORTE DA VISÃO (2023)

Escultura, óleo sobre tela (242cm altura x 199cm comprimento x 212cm largura – escultura; 60cm altura x 50cm comprimento – tela a óleo, total de três)

Lai Sut Weng

NASCIDA em Macau em 1993, onde cresceu, Lai Sut Weng licenciou-se no então Instituto Politécnico de Macau (actual Universidade Politécnica de Macau), especializando-se em pintura a óleo. Em 2020, completou um mestrado na Academia de Belas Artes de Guangzhou, na vizinha província de Guangdong.

A artista recebeu o Prémio de Artes Plásticas da Fundação Oriente em 2014, tendo

também sido escolhida para participar na mostra “Fusão – Exposição de Obras de Artistas de Macau”, que esteve patente no Museu Nacional de Arte da China, em Pequim, em 2019. Além de Macau e do Interior da China, o seu trabalho também já esteve em exposição em Portugal.

Lai Sut Weng está ligada a diversas associações locais de cariz artístico. ▲

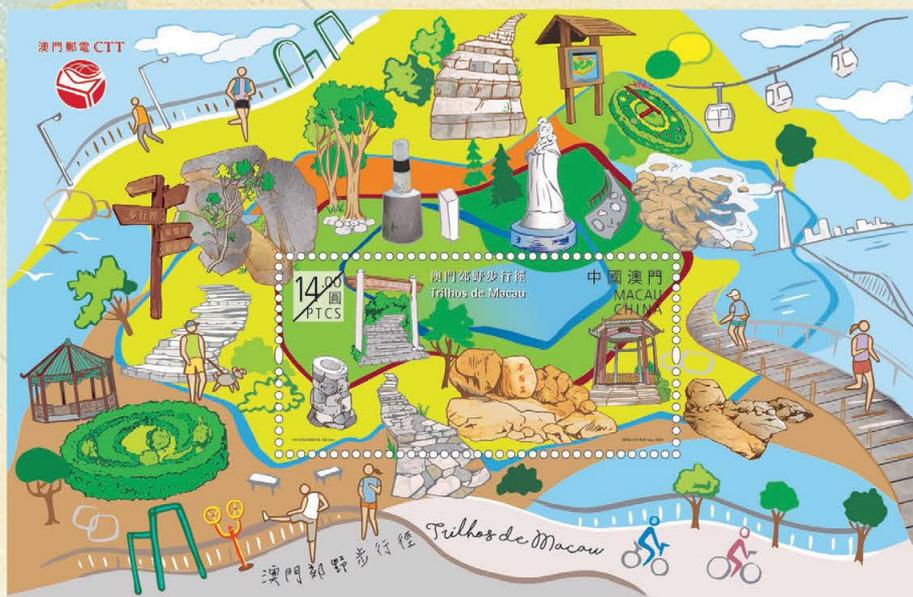
Coleccione Selos
de Macau

澳門郵票收藏

Collect
Macao's Stamps

18/06/2024

澳門郊野步行徑
Trilhos de Macau
Trails in Macao



集郵微信QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





主動
Pró-activo
Be motivated

+1

貼心
Carinhoso
Be considerate

+1



熱情
Entusiasta
Be passionate

+1

禮貌
Bem educado
Be polite

+1



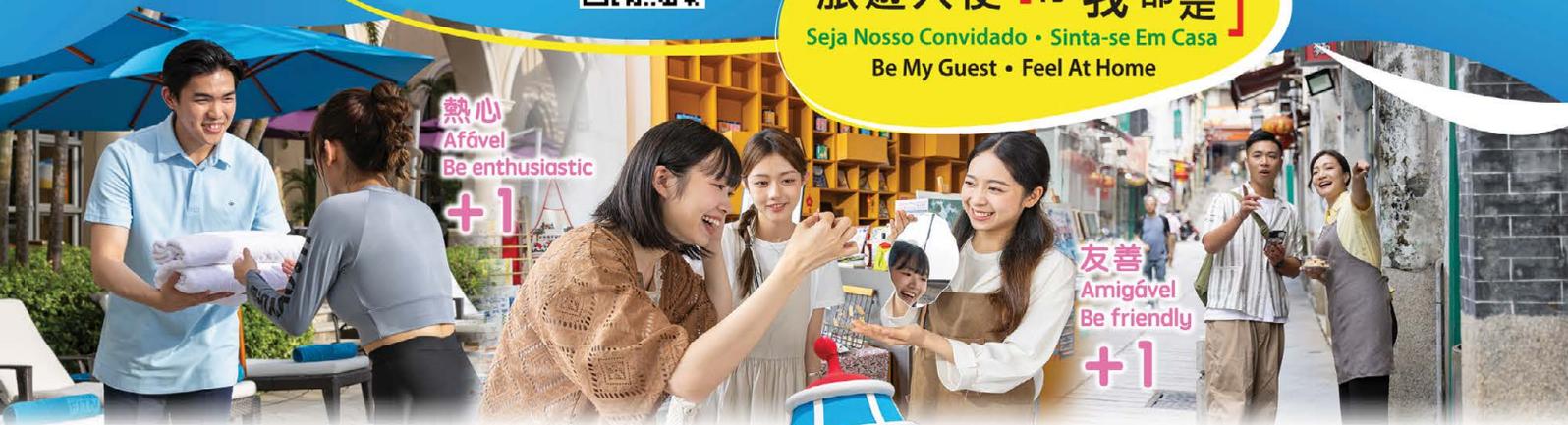
澳門有禮運動

Campanha de Cortesia de Macau
Macao Courtesy Campaign



旅遊大使「你我都是」

Seja Nosso Convidado • Sinta-se Em Casa
Be My Guest • Feel At Home



熱心
Afável
Be enthusiastic

+1

友善
Amigável
Be friendly

+1



親切
Amável
Be sincere

+1

旅遊大使
「你我都是」
Seja Nosso Convidado • Sinta-se Em Casa
Be My Guest • Feel At Home



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE